

Visual

BRASÍLIA-DF | 1ª EDIÇÃO • Julho/2026

R\$ 50,00

A literatura
como exercício
de liberdade.

Não escrevo
para agradar.
Escrevo para
permanecer.

As palavras são
a única forma
de vencer o
esquecimento.

“Escrevo para
que aquilo que
me formou não
se perca com
o tempo.”

TRAJETÓRIA DA ESCRITORA PARAIBANA

ANTÔNIA CLAUDINO



“Jurista, escritora, cronista e acadêmica, uma voz
que honra suas origens e inspira gerações.”

LEIA

revista

Visual

IDEIAS

LOGOMARCAS ✓

EDITORACÃO DE JORNAIS ✓

REVISTAS E LIVROS ✓

DIGITALIZAÇÃO ✓



 **86 98878-1162**

 Email: giovanicastropaz@gmail.com



Endodontia & Estética

CONQUISTE A SUA
MELHOR VERSÃO

@dramariaisabel_

• **(83) 99968-8446**

AV. JÚLIA FREIRE, 1200
JOÃO PESSOA-PB



FUNDADORES E JORNALISTA RESPONSÁVEL

Osmar Monte - Auditor Federal
Giovani Castro - Jornalista - DRT-PI: 1709

DIRETORES EXECUTIVOS

Osmar Monte
Giovani Castro

CONSELHO EDITORIAL

Antônia Claudino - Escritora
Cláudia Rocha - Escritora
Giovani Castro - Jornalista
Mirtzi Ribeiro - Escritora
Osmar Monte - Escritor

COLABORADORES

Antônia Claudino - Escritora
Daniel Lemos - Músico
Edmilson Sanches - Escritor
Fábio Gonçalves - Escritor
Gilvaldo Quinzeiro - Escritor
Izânio Façanha - Chargista
Joaquim Monteiro - Chargista
Mirtzi Ribeiro - Escritora
Viriato Campelo - Escritor
Keula Rodrigues - Escritora
Wybson Carvalho - Escritor

JORNALISTA

DIAGRAMADOR/DESIGN

Giovani Castro - DRT-PI: 1709
 E-mail: giovanicastropaz@gmail.com
Contato: *86 98878-1162

FOTOGRAFIA

Banco de Imagem e Divulgação

BRÁSILIA-DF

Endereço: SCLRN 707 - Bloco B.L 32
 ASA NORTE
 CEP 70.740-532
Contato: *61 99984-9703
 E-mail: osmar.monte@gmail.com

"Os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores".



Dinheiro não garante felicidade
Osmar Monte | Escritor
 2/3



Ela é Antônia, a escritora múltipla
Entrevista/Kubitschek Pinheiro
Antônia Claudino | Escritora
 4/9



Artistas
Raquel Freitas
Gilvaldo Quinzeiro | Jornalista
 10/13



Efeitos práticos da vida com consciência
Mirtzi Ribeiro | Escritora
 14/15



A incoerência da palavra "amor" quanto ao ser
Cintya Rodrigues | Escritora
 19



Discurso em homenagem ao Acadêmico
Alberto Pessoa
Keula Rodrigues | Escritora-Presidente da ALETRAS
 20/21



Monção de Carará
Daniel Lemos | Profº/Músico
 22/24



Falando de Ti
Fábio Gonçalves | Escritor
 25



Exposições no Piauí
Viriato Campelo | Escritor
 26/27



Selvagem
Francisco de Assis | Escritor
 28



O futuro é nosso
Antônio Gonçalves | Escritor
 29



O namoro é contínuo
Cláudia Rocha | Escritora
 30



Me chamo saudade
Normélia Pereira | Escritora
 31



"Ordem e Progresso"
Edmilson Sanches | Escritor
 32/33



Etarismo escrachado e vilipendiador
Anabela Cardoso | Escritora
 36/37



Lara Rosa a "Violeta do Campo"
Wybson Carvalho | Escritor
 38



Charge
Izânio Façanha | Jornalista
 39



Charge
Joaquim Monteiro | Profº/Chargista
 40



Visual, boa de ler.

A revista *Visual* chega em boa hora ao público. Trata-se de uma publicação cultural, mensal, impressa e online, com 44 páginas bem diagramadas por Giovani Castro. Mais do que isso, é um espaço para que escritores e poetas, novos e consagrados, divulguem seus trabalhos. O lançamento reafirma que a literatura transpõe o deserto com fôlego, contrariando o refrão dos fins.

Do púlpito, os vendilhões da fé exploram homens, mulheres e crianças para manter suas vidas nababescas. Contudo, "...quanto mais estúpida se torna a representatividade espiritual do sujeito do mercado e do dinheiro, tanto mais fantasmagórico é o modo como ele reproduz, com papagaíca, as desgastadas virtudes burguesas e os valores ocidentais...", pontua o filósofo alemão Robert Kurz (1943-2012) em seu livro *Razão Sangrenta*.

Nesta primeira edição, o leitor encontra reflexões que apontam nessa direção, buscando despertar a consciência para que não seja presa fácil da "sociedade do espetáculo", da ganância, da hipocrisia e da ignorância. É um convite

para ver além da intermediação do dinheiro na vida das pessoas — uma invenção humana que agora precisa ser desinventada. Trata-se de uma sociedade em marcha à ré, com seu fim já prospectado. Como me disse certa vez o professor da UFRJ, Marildo Menegat, em entrevista à Revista ATENTE!: "Não existem sociedades trans-históricas, eternas. A sociedade burguesa, como qualquer outra, teve origem, apogeu e terá seu fim".

Feito esse recorte histórico, o leitor tem a oportunidade de aprofundar seus conhecimentos lendo o texto "O dinheiro não garante felicidade", de Osmar Monte, escritor e poeta com vasta bagagem nessa estrada. A escritora, advogada e feminista Antônia Claudino, entre as páginas 4/9, diz o que pensa em entrevista concedida ao jornalista Kubitschek Pinheiro: "Escrever, para mim, é um ato de resistência. Resistir ao esquecimento, às injustiças, à invisibilidade de tantas vozes. A memória é o fio que costura tudo isso".

Nas páginas 10/11, o escritor e jornalista Gilvaldo Quinzeiro assina o texto "Artistas de várias cidades realizam Intervenção Artística pela

Paz". Na sequência, apresenta "Raquel Freitas, arquiteta e urbanista por ofício, artista por condenação" págs. 12/13. "Efeitos práticos da vida com consciência" págs 14/15, uma reflexão pra lá de oportuna sob o olhar da professora Mirtzi Ribeiro, escritora paraibana, imortal da Academia de Letras e Artes de Goiás (2024).

Enfim, como a cultura aqui é viva, nas páginas 26/27, o médico, escritor e professor da UFPI Viriato Campelo nos brinda com o texto Exposições no Piauí, onde homenageia vários artistas, com destaque para Nonato Oliveira, uma referência das Artes Plásticas no Piauí e alhures. Izânio Façanha e Joaquim Monteiro, dois gigantes da charge e do cartum, presenteiam o leitor com suas obras nas páginas 39 e 40. Como não é possível citar todos neste espaço, o leitor fique à vontade para fazer sua travessia lendo as reflexões dos demais colaboradores. No mais: **Eis a voz, eis o deus, eis a fala, eis que a luz se acende na casa e não cabe mais na sala (Paulo Leminski).**

Siga em frente, *Visual* abre portas, é boa de ler.



OSMAR Monte (José Osmar Monte Rocha), poeta, escritor e colunista, filho de Adonias Cruz Rocha e Isaura Monte Rocha. Presidente e Fundador do Núcleo Acadêmico de Letras e Artes de Brasília – NALAB. Membro das Academias de Letras: de Barra do Corda MA; de Letras e Artes de Goiás; ALETRAS/GO; AMBA/MG; ABARS/RS; LITERARTE; AIAB/DF; de Ciência, Letras e Artes da Itália – NAISLA; de Letras do Chile; Fundador da ALARJ/RJ e Participante em 25 Antologias (Poesias e Contos). Contato: e-mail: osmar.monte@gmail.com / Instagram: @osmar.monte / Facebook: Osmar Monte

Dinheiro não garante felicidade

■ Osmar Monte

O dinheiro é um elemento de poder que nos dias atuais influencia na vida de todos os povos do mundo inteiro; é um fator de subtração, adição e multiplicação de riqueza; raramente é elemento de divisão, exceto em casos de litígios societários, heranças ou litígios familiares. Mas com o surgimento da moeda em países distintos, na antiguidade e com a plena ampliação na idade média, esse tipo de bem fomentou a troca, o comércio e o acúmulo de riqueza.

A história traz relatos de que na antiguidade a China, a Grécia e a Roma tiveram destaques pela emissão e circulação de moedas. Antes de

Cristo, já existiam as cobranças de impostos.

Jesus foi provocado pelos fariseus: “Mestre, é permitido ou não pagar imposto a César? Perguntou Jesus: de quem é esta imagem e esta inscrição? De César, responderam-lhe. Disse-lhes então Jesus: Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (Mat.22: 16-21).

Noutro episódio, o apóstolo Pedro estava com Jesus em Cafarnaum e foi interrogado por um coletor de impostos: “O mestre de vocês não paga o imposto do templo?”. Pedro respondeu: “Sim, paga” (...) e Jesus disse a Pedro: “Vá ao mar e jogue o anzol. Tire o primeiro peixe que você pe-

gar, abra-lhe a boca, e você encontrará uma moeda de quatro dracmas. Pegue-a e entregue-a a eles, para pagar o meu imposto e o seu” (Mateus 17:24-27).

O dinheiro é símbolo de poder. O dinheiro é a mola mestra que sustenta o mundo atual. As riquezas de um país são medidas pelo Produto Interno Bruto – PIB. O bem-estar de um povo depende dos benefícios que lhes são oferecidos. Em qualquer atividade econômica ou social, o dinheiro é fator indispensável para a consecução dos objetivos.

Nem os templos religiosos escapam do efeito produzido pelo dinheiro. Sem dinheiro

não há obras, nem expansão da fé religiosa. Mas o dinheiro não garante felicidade.

Existe o lado bom do dinheiro: proporciona educação, saúde, alimentação, moradia e outras conquistas que são realizadas com o dinheiro. Mas também existe o lado pernicioso: estimula a vaidade, o orgulho, a ambição, a exibição, a desigualdade e o preconceito social, e outros ingredientes que são conduzidos pela força mone-tária.

Os ricos parecem viver num mar de rosas, compram quase tudo com o dinheiro e esbanjam o poder, como se tivessem o mundo aos seus pés. Os pobres em condições desfavoráveis, são vítimas da incapacidade financeira para satisfazer as suas necessidades básicas.

O dinheiro é a força que

sustenta estruturas em todos os segmentos da economia, da sociedade e da fé religiosa em todos os credos. Ora parece bênção; ora parece maldição. É o instrumento do bem e do mal; segue em linhas paralelas e causa efeitos inversos. Significa dizer que, quando utilizado para a finalidade positiva de um bem-estar social, é um ponto de apoio e satisfação. Quando direcionado para uma ação maléfica, é motivo de destruição para o agente ou para terceiros.

Se o dinheiro garantisse felicidade, os ricos, os famosos e os poderosos estariam numa satisfação total. Talvez pudessem viver como se estivessem num paraíso na terra. Mas isso não é verdade. Essas classes sociais sofrem mais frustrações, depressões e vazios na alma, muito mais

do que as classes consideradas pobres.

Ser rico não é pecado. Ter bens, patrimônio expressivo, abundância de coisas, poder político, poder econômico, destaque social, etc.; tudo isso é natural. Se tiver todas essas condicionantes e não tiver paz interior, caridade, fé e amor, certamente não haverá felicidade.

A verdadeira felicidade é doar o pão ao irmão; é ajudar o enfermo; é socorrer o aflito; é alegrar quem estiver triste; é acolher o desabrigado; é estimular a esperança do desesperado. É saber servir, compreender, tolerar, perdoar e colocar-se no mesmo nível de igualdade do outro. A vida é muito curta e a felicidade plena na terra é saber amar o próximo e amar a Deus. O dinheiro não garante felicidade.

ROSA RARA

Osmar Monte

És uma rosa o teu nome me diz
Cheio de virtudes uma joia rara
Tens a essência pura e bem mais cara
És uma fonte de amor mais feliz.

O teu olhar é luz celeste em chama
A tua voz é acorde de melodia
A tua face angelical irradia
E hipnotiza a pessoa que te ama.

És a fonte que inspira poesia e prosa
E ao mesmo tempo és forte tentação
Quem te olha vê somente uma Rosa

E não avalia como tu és poderosa
O teu fascínio agita coração
Pela tua força rara e perfumosa.



Ela é Antônia, a escritora múltipla

■Kubitschek Pinheiro

O que há de bom na obra de Antônia Claudino é o tempo que ela defende a causa da sua escrita, a ponto de haver lançado em coletâneas e livros solos várias obras. Ela escreve como quem fala, do ponto de vista formal, moderna, que chega a ser descrita e notada por quem entende da transformação da linguagem.

Lá em sua obra está o conteúdo de maneira não rebuscada, mas de uma identidade própria. Essa história, a dela, nos leva a visitar sua aura da autenticidade — uma palavra essencial no vocabulário de quem pode ser definida como escritora que veio do barro batido, do sertão seco e das ondas sonoras do mar da Paraíba.

Claro que não é possível destacar todas as mulheres numa só, porque a todas foi terra prometida — terra do primeiro sol, metrópoles, gigantescas cidades, esquinas, palcos, cinema e literatura — além do poder que nasce com elas.

Antônia Claudino é uma delas, que veio dos fluxos migratórios sertanejos e já veio pronta para ocupar as imparáveis multiplicações que continuam a povoar os campos das artes, da cultura e da sabedoria.

Não é uma mulher de "passagem" que não lhes possa devolver a humanidade, o sentindo da vida. Ela expressa o que se passa no mundo, nas cidades, nas imigrações intermináveis, onde as mulheres ocupam espaços mundiais.

A presença da escritora paraibana Antônia Claudino, na história das mulheres, vem dessa migração, das rotas alteradas, para que elas possam ultrapassar barreiras, principalmente na

luta contra os seus direitos e da disseminação da assombrosa violência verbal.

Membro da Academia de Letras e Artes de Goiás, Antônia Claudino é o sertão e o mar na representação do desejo de mostrar sua palavra de pedra, desde a construção do primeiro ato de aprender a construir textos com as palavras desse destino inelutável de que não pode fugir, que deve encarar, escrever sem medo que a demografia ficará irremediavelmente no que ela tem a dizer.

Sua convivência com livros e ensinamentos vem de propósitos. Já lançou 'Eu Sou Antônia' — A Divina Hipocrisia' e livros focados no saber jurídico que é outra formação que a escritora paraibana se destacada, formada em Direito.

Nada foge ao seu pensamento a encarar, escrevendo sobre solidão, angústia, saudades, estradas, luas e desertos humanos, alguns poemas irremediavelmente sonoros, que se acendem na defesa que ela faz contra racismos, que o fundamentalismo precisa e ela está ali para mostrar o caminho oposto de uma sociedade arcaica.

Ela defende as mulheres com garra e maestria, nesse terreno da maldade dos homens. Seu texto é uma advertência. Seja por generosidade seja por pragmatismo, ou por um misto de ambas as coisas, Antônia Claudino se faz compreender o que já era necessário fazer no imediato, em nome da literatura.

Comprometida com a defesa dos direitos humanos, a Antônia jurista, enfermeira e escritora atua efetivamente, de forma consciente e planejada para corrigir as injustiças sociais.

VALORIZANDO a trajetória da escritora paraibana

Antônia Claudino



Sua vida pública é guiada pelo compromisso com a justiça social e o bem-estar da comunidade. Ela busca constantemente promover mudanças significativas para aqueles que representa.

Antônia é membro da Confraria dos Bibliófilos da Paraíba. Ela destaca que valoriza a racionalidade em um mundo onde as redes sociais frequentemente influenciam comportamentos; assim, mantém suas convicções firmes, utilizando as ferramentas modernas sem se deixar moldar por elas.

Na área do Direito, é autora do livro "Paternidade Socioafetiva: Reflexão sobre a lei e seus efeitos". Sua formação em Direito oferece uma compreensão aprofundada das questões legais e sociais, permitindo uma atuação eficaz na defesa dos direitos e da justiça.

Também é colunista no portal MaisPB e participou das antologias "Ah, o Verão - poesia em quatro estações", publicada pela Lura Editorial, e "Tributo à Cora Coralina", promovida pela LITERARTE - Associação Internacional de Escritores e Artistas, Nordeste em Letras e Prêmio Nordeste de Literatura, Editora Mágico de Oz, estando entre as 50 colaboradoras da revista "Mulheres Fortalezas", com um depoimento sobre sua vida, que foi lançada em Portugal em dezembro/2024 e no Brasil em janeiro/2025. Além disso, contribuiu para a edição especial da revista Conexão "Mulheres que Inspiram Mulheres", que foi lançada na cidade de João Pessoa e distribuída em toda a Paraíba, em novembro de 2024, destacando mulheres que lutaram pelos seus sonhos e se tornaram referências em suas áreas.

A sua história é caracterizada também por coragem, determinação e uma busca incessante por conhecimento — elementos fundamentais que definem uma mulher disposta a enfrentar os desafios que surgem em seu caminho. Antônia Claudino é a primeira mulher paraibana a ter um busto de bronze no Museu de Arte Jurandy Marciel localizado no Centro Histórico da capital paraibana, com destaque numa galeria em que estão Ariano Suassuna, Augusto do Anjos, Luiz Gonzaga e outros.

Antônia Claudino, nasceu no município de Uiraúna no sertão da Paraíba. Desde cedo, ela reconheceu a importância de se destacar em um ambiente predominantemente masculino. Antônia é uma mulher de várias gerações que acredita no aprendizado contínuo como ferramenta essencial para a diferenciação.

Sua formação acadêmica na área da saúde teve início nos anos 1990, com a graduação em Enfermagem. Ao longo de sua carreira, acumulou experiências práticas e teóricas que a habilitam a desempenhar sua função com excelência. Antônia é concursada pelo município onde nasceu.

Na esfera política, destacou-se como vereadora e ocupou cargos públicos de grande relevância, sendo Secretária de Saúde e Secretária de Articulação Política do Município de Joca Claudino.

A palavra como raiz e resistência

KP – Pra início de conversa, quem é Antônia Claudino para além dos livros?

Antônia Claudino - Sou uma mulher nordestina, paraibana, moldada pela palavra falada, pela memória e pelo chão que piso. Antes de ser escritora, sou leitora do mundo, observadora do cotidiano e guardiã das histórias simples que muitas vezes passam despercebidas.

KP - Quando a literatura entrou em sua vida?

Antônia Claudino - A literatura entrou cedo, ainda na infância, pelas vozes da família, pelas histórias contadas à noite, pelas cantigas e pela oralidade. Escrever veio depois, como uma necessidade: transformar sentimento em palavra, silêncio em texto.

KP - A Paraíba aparece como presença constante em sua obra?

Antônia Claudino - Sem dúvida. A Paraíba não é apenas cenário, é essência. Está no modo de falar, no ritmo das frases, nas dores e nas belezas do povo. Carrego o Nordeste como identidade e como compromisso literário.

KP - Seus textos dialogam entre si. Isso é intencional?

Antônia Claudino - É natural. Escrever, para mim, é um ato de resistência. Resistir ao esquecimento, às injustiças, à invisibilidade de tantas vozes. A memória é o fio que costura tudo isso.

KP - Quais são os temas mais o inquietam no processo criativo?

Antônia Claudino - A condição humana, sobretudo a feminina, as desigualdades sociais, o tempo, a fé, a esperança e as contradições do ser. Escrevo a partir do que me atravessa.

KP - Como você define sua escrita?

Antônia Claudino - Uma escrita sensível, comprometida e, acima de tudo, honesta. Não escrevo para agradar, escrevo para dizer. Se tocar alguém, já cumpri meu papel.

KP - Qual o papel do escritor na sociedade atual?

Antônia Claudino - O escritor é um provocador de consciências. Não oferece respostas prontas, mas lança perguntas, provoca reflexões e ilumina caminhos possíveis.

KP - Ser mulher e escritora no Nordeste impõe desafios?

Antônia Claudino - Muitos. Ainda enfrentamos silenciamentos e invisibilizações. Mas também é daí que vem nossa força. Cada texto publicado é uma conquista coletiva.

KP - O que Antônia Claudino diria para jovens escritores e escritoras?

Antônia Claudino - Leiam muito, escutem o mundo, respeitem sua própria voz e não desistam. A escrita é persistência, não apenas talento.

KP - O que a literatura representa em sua vida?

Antônia Claudino - A literatura é minha forma de existir no mundo. É onde encontro sentido, abrigo e liberdade.



A APARÊNCIA

NA “DIVINA HIPOCRISIA” DE ANTÔNIA CLAUDINO

■Ricardo Bezerra

Tratar de tema sagrado, do belo ou do perfeito, entre outros, é preciso expor o seu avesso e desnudar-se como uma flor que ao desabrochar não pode mais retroceder; principalmente quando mergulha na cristalinidade da hipocrisia, tratando da “prática de fingir ter virtudes, crenças ou sentimentos que não se possui, agindo de forma contrária ao que se prega”. Desafios! Isto é o que vamos encontrar em “Antônia” já que em “Sou” nos levará à existência e identidade fundamental para autoidentificação.

A autoconsciência e a reflexão sobre o próprio ser, o existir estabelece a identidade pessoal e a existência, principalmente na capacidade de pensar e se reconhecer, no universo da Filosofia e da Consciência. Enfrentando Teologia e Religião, na revelação e reflexão da eternidade, autoexistência e imutabilidade, dito “Ser puro”. O desafio se amplia pela Linguística ao tratar de qualidades.

Antônia já é uma celebridade poética e jurídica, normal para uma advogada de sangue, com apetite satírico que traz a ADORAÇÃO A DEUS PARA QUE ELE POSSA NOS COMPREENDER, onde O CAMINHO MAIS DIFÍCIL É A VERDADE. Abordar “moral” e assim nortear as relações sociais e a conduta dos homens a uma peça teatral que reflete a longevidade da



humanidade e que estas relações estão sedimentadas na hipocrisia faz entender os desafios da leitura.

Deus, a Igreja, o Inferno Social. São reflexões que levam o homem a “orar com os lábios e a pecar com pensamento”. Insira-se neste pequeno trecho para entender que o desafio é grande, principalmente quando o tempo sempre foi assim para a humanidade, trazendo com ênfase a hipocrisia.

Temos momentos de risos de verificação quando nos deparamos com o sentido de que “Nas igrejas, nos tribunais, nos lares, a verdade é adiada com flores”. Onde encontramos o “sou”? Como falei, o livro é um grande desafio. Tanto que o que vemos é que “A fé virou um espelho: cada um acredita no reflexo que mais o favorece. E assim, quanto mais piedoso o discurso, mais sujas as mãos que o sustentam”.

“As palavras são moedas gastas: todos as usam, poucos as merecem”. Então, neste mundo de palavras, pregações e aberturas desenfreadas de “templos” o que tem na verdade da “palavra” é sobreviver da palavra e a visão é “que o homem sobrevive à própria miséria. Mentir exige imaginação, e disfarçar requer talento. Talvez seja esse o dom que mais nos aproxima de Deus — pois só um criador é capaz de inventar tantas formas de fingir”.

Mesmo tratando de epílogo não conseguimos colocar um ponto final ou até mesmo se aproximar do fim, onde a abordagem ao “céu dos hipócritas” temos um recomeço nos desafios, visto que traz uma concepção de absolvição sem confissão. Leva, portanto, a “coragem de continuar sendo humano”.



Uma senhora escritora e/ou uma escritora senhora

■Irismar Di Lyra

A respeito do gênero, Antônia, como uma Clarice, não se enquadra nos moldes, que se sabe deles, ela perpassa as categorias de gênero previstas pela teoria e surpreende com textos, nos quais se deflagra o processo de pensar e sentir, é o que nos conta seu próprio pensar e o seu próprio sentir, com as características que lhe são peculiares: feminilidade, rebeldia, independência, sensualidade, liberdade e atitudes e não difere da escritora. Os seus textos o que mais se configuram são as atitudes, sem quaisquer vergonha ou timidez e assim ser, ela assim o é. Mulheres assim dão medo. Como escritora e mulher, ela não rodeia, vai direto ao ponto, dá a “cara a tapa”, se despe de máscaras de uma forma livre, consciente, sem subterfúgios e sem medo.

O texto de Antônia é para leitoras corajosas, certamente a maioria delas, se sentirá totalmente inserida no contexto e, a partir daí, encorajar-se e desdobrar-se como a Adélia Prado em seu poema “a bagagem”, em que afirma: Mulher é desdobrável e ela o é. E propõe um texto totalmente despossuído de receio, de autodefesa, de culpas, de dependências e submissão e de covardia. Antônia é aguerrida e convida todas as suas leitoras à vida.

Antônia é um misto de bruxa, deusa, fada, pombo-gira, com muitas facetas, feito as várias deusas, dispersas por este mundo vasto de meu Deus.

Há em si um pouco de cada uma delas, como Lilith, ela é um símbolo do poder feminino, sem jamais curvar-se à tirania masculina, em seu caso específico, não lhe passa pela cabeça a existência de uma desigualdade entre mulheres e homens, se se registra, ela não pressupõe mesmo sem ser feminista, panfletário: como Kali destrói as ilusões para recriar a vida. O seu texto reporta-se à sua própria vida sem ser autobiográfico, mas um exemplo claro de autonomia, de identidade, denodo, sem pieguices e apelações; como Hécate ergue uma tocha e abre portais, através dos quais outras mulheres, ao lê-la, se percebam, se descubram, recriando uma nova forma de ser, de existir.

Muitas mulheres existem, mas não são. Antônia, enquanto escritora, existe e é; como Artemis, seus textos são femininos, feministas, empoderados, representando a mulher que se valoriza, conhece o seu poder e não se submete. Do ponto psicológico, o texto pode ser visto como arquétipo da sombra humana, em desejos secretos. Nos remete a Lua negra, se enveredarmos pelo universo da astrologia. A lua negra aponta para a ferida das mulheres, o medo, os bloqueios, os desejos ocultos, os instintos sexuais mais profundos. Há um tantão de profano e um tantinho de sagrado na escritura Antoniana. E isso a despe de pudor, exatamente por não ter sido feito para mulheres desavisadas, pudicas ou moçoilas que romantizam a vida.

Como escritora e mulher, ela não rodeia, vai direto ao ponto, dá a “cara a tapa”, se despe de máscaras de uma forma livre, consciente, sem subterfúgios e sem medo.





Artistas de várias cidades realizam Intervenção Artística pela Paz

■ Gilvaldo Quinzeiro

Diante de um mundo que se torna, cada vez mais, palco de acirradas disputas geopolíticas — agravadas recentemente pelos conflitos envolvendo Estados Unidos, Israel e Irã —, artistas de diversas cidades brasileiras e de outros países tomaram uma iniciativa histórica. Assim como Pablo Picasso fez há 89 anos ao pintar o célebre quadro Guernica, o grupo uniu-se para denunciar os horrores da guerra por meio da arte.

Com o tema “Antes que o mundo acabe, aceite meu sorriso como perdão”, a Intervenção Artística pela Paz que aconteceu no mês de maio. A iniciativa foi idealizada pelo professor e escritor caxiense Gilvaldo Quinzeiro.

Programação Presencial e Diversidade Cultural

Em Caxias-MA, o espaço Marília Eventos sediou o Sarau para os Poetas Vivos, realizado pelo Grupo Cultural Abraçarte (composto por Marechal, Julimar Silva, Oriel, Êmile Raquel, Deusdete Oliveira, Priscila Costa, Geovanna Campos e Matheus, além dos convidados Isaac Souza, Gilberto Lima e Edizão Sanfoneiro).

A programação, sob a direção de Gilvaldo Quinzeiro, destacou-se pela riqueza de linguagens e, como bem definiu a espectadora Hérica Romena, “tocou a alma”. O público acompanhou a performance musical “Dançando na Chuva”, apresentações instrumentais, intervenções de humor e





um sensível recital de poemas, que incluiu a obra “Pense nos Outros”, do poeta palestino Mahmoud Darwish. Paralelamente, as ruas de Caxias receberam uma intervenção de adesivação urbana, assinada pela artista Raquel Freitas.

No sábado, as atividades presenciais ecoaram por diversas localidades, unindo espaços públicos e particulares em torno da causa:

- Coelho Neto-MA: Encontros no jardim, de Nelson Gaspar, combinando café e recital de poesias.
- Lagoa Santa-MG: Realização do ato “Flores da Paz”.
- São Luís-MA: Ensaio aberto especial conduzido pela Banda Sinfônica Tomaz de Aquino Leite.
- Aguascalientes (México): Gravação de um videoclipe com a participação de alunos do Instituto Aguascalientes.
- Apresentações Solo: Intervenções individuais dos artistas Ricardo Ferreira, em Penápolis-SP, e Beto, o Gordo, em João Pessoa-PB.

O evento ganhou ainda mais força internacio-

nal com a contribuição da pintora mexicana Karla Carrión, que dedicou um quadro-manifesto pela paz pintado especialmente para a ocasião, e do poeta tunisiano Chokri Omri, que participou com a leitura de um poema autoral.

Reflexões Virtuais

No domingo pela manhã, a programação migrou para o ambiente virtual via Google Meet, reunindo o público para um ciclo de palestras e reflexões profundas:

- “A Paz de Aristófanes”, proferida pelo filósofo e psicanalista Angelo Campos;
- “O que é a Paz?”, ministrada pela escritora Mirtzi Lima Ribeiro;
- “Alimentação Viva”, conduzida pelo educador e especialista no tema, Marcos Aguiar.

Organização: Gilvaldo Quinzeiro, Nelson Gaspar, Angelo Campos, Alina Velazco-Ramos e Chokri Omri.





Raquel Freitas arquiteta e urbanista por ofício, artista por condenação

■ Gilvaldo Quinzeiro

Dona de um sorriso raro em tempos de fatura de tantas caras sisudas e possuidora de múltiplos talentos artísticos — que vão desde xilocolagem à fotografia experimental, dos projetos executivos de arquitetura às cenografias temporárias —, de quem estamos falando? De Raquel Freitas, também conhecida como “Pepper”.

Raquel Freitas nasceu no dia 26 de agosto de 1998, em Caxias-MA. Hoje, sua produção transita entre o desenho, a fotografia experimental e a pintura, além de projetos executivos de arquitetura e produção de cenografias temporárias.

“Arquiteta e urbanista por ofício, artista por condenação.”

É assim que Raquel se definiu para a nossa coluna. Porém, sua contribuição à cultura caxiense vai muito além de sua autodefinição. Vejamos exemplos da sua participação: ela é ilustradora de Como botar um boi: Manual de Guerrilha, de Cayo Cruz, e de Moma memes, um trabalho solo e independente desenvolvido em meados da quarentena. Também ilustrou Gotas de Poesia e Vida, escrito por Marcos Aurélio, e A Física da Alma: Assim quis nos dizer Einstein, de Gilvaldo Quinzeiro.

Mas não para por aí. Raquel também desenvolveu a arte de capa para discos como Olhos Verdes, do artista Estevxo; Livretos, de Livia Moura; Visagem, de Cayo Cruz; e

Gaia Ciência e Ninguendades, de Isaac | Poematron.

Em 2021, participou da FLICT (IV Feira Municipal de Literatura, Cultura e Turismo da Região dos Cocais – Caxias-MA) como artista visual integrada à programação oficial do evento. Na ocasião, apresentou suas pinturas e realizou oficinas de exercícios de experimentação artística em desenho e construção visual para turmas de Ensino Médio e da EJA (Educação de Jovens e Adultos).

A artista, como gosta de ser chamada, foi também projetista e cenógrafa no I Festival de Cultura Popular de Caxias (CEFOL), contribuindo na concepção espacial e visual do evento, articulando montagem, atmosfera e a experiência do público. Foi autora, ainda, de um painel de lambe-lambes que envolvia colagens gráficas e frases da cultura popular caxiense.

Ainda como projetista e cenógrafa, atuou no VI Salão do Livro de Caxias (SALIC), realizado em 15 e 16 de agosto de 2025, desenvolvendo soluções espaciais e narrativas visuais para a montagem do evento.

Novos projetos: “Entre as ruas, eu”

Raquel Freitas, que recentemente participou de uma adesivação urbana pelo centro histórico de Caxias como parte de uma intervenção artística pela paz, adiantou à nossa coluna os seus novos projetos. Trata-se de Entre as ruas, eu.

Segundo a artista, este novo projeto consistirá em:

“Experimentações visuais e gráficas na paisagem urbana de Caxias-MA, com so-

breposições, recortes, aproximações e interferências que deslocam a fotografia de um registro documental para um campo mais sensorial e poético. A imagem deixa de explicar a cidade e passa a tateá-la.”

Por fim, o conceito de “Entre as ruas, eu”, pode ser conferido abaixo em sua versão poética. O poema foi escrito e enviado por Raquel Freitas. Ei-lo:

“Sobre calçadas em concretagem
os tapumes que não escondem nada
EU, quase sempre em -
me pareço trânsito em grande fluxo
três corações ao meio dia
O ruído externo sobra cantaria
Me vejo cidade-ateliê
observação em desenho
entre eu e as ruas
um negociar de um espaço - um tempo
um sinalizar de trajetos
um gozar de paisagens
Leituras de fachadas
um fazer de ritmos, um sentir sem pressa
Um falar em voz alta
Um encontro de cidade”.





MIRTZI Lima Ribeiro, *professora, Auditora de Controle Externo e Escritora paraibana. Membro da Academia de Letras e Artes de Goiás (2024), Academia Brasileira Rotária de Letras – seccional PB (2025), e, Confraria dos Bibliófilos da Paraíba – CBP (2024).*

Efeitos práticos da vida com consciência

■ Mirtzi Lima Ribeiro

Eu entendo que viver com consciência é estabelecer para si mesmo um elevado nível de espiritualidade naquilo que for possível ser desenvolvido momento a momento. E essa expressão que nos remete ao sagrado não deve ser decorativa, antes, deverá assumir uma conotação prática através de ações, atitudes e consistência, em patamares cada vez mais amplos e parâmetros mais excelsos. Adotar esse tipo de comportamento é se permitir experimentar Deus em movimento, individual e coletivamente, na execução das atividades mais corriqueiras às mais elaboradas. Essa é uma atitude colaborativa para com a vida pessoal e que engloba também toda existência.

Eu compreendo que enquanto estivermos aqui nessa vida terrena, continuamente precisaremos trazer à Terra o que existe nos Céus em termos de harmonia e relações de reciprocidade. A Oração do Pai Nosso nos indica: “venha a nós o Vosso Reino, seja feita a Vossa vontade, assim na Terra como no Céu”. Eu penso que nós somos um instrumento Divino de realização nesse plano de existência, cujo objetivo é cumprir o propósito de melhorar a qualidade de vida aqui no planeta, através de nossas ações conscientemente direcionadas.

Portanto, não podemos relegar os assuntos da humanidade ou enxergá-los como não importantes, quando adotamos uma vida pautada em preceitos espiritualizados. Isso significa exercer nossos atos no viés da consciência. Devemos, então, assumir as nossas responsabilidades sabendo que precisamos viver e sermos exemplo de ação pontual, retidão, ética e sabedoria, sem banalizar e sem desmerecer tudo o que está subjacente à vida sobre a Terra. Isso

envolve a responsabilidade afetiva, parental, ambiental, a humana, a de trabalho e a de realização pessoal. Faz parte também, evitar a condescendência com o que desqualifica, com exclusões racistas e sexistas, com a crueldade, com exageros aviltantes, com injustiças pessoais e estruturais, crimes e ações hediondas.

A vida não é letargia, é movimento. Deus, no meu ponto de vista, é uma cadência entre movimento e repouso, em um fluir contínuo. A sociedade, por sua vez, precisa copiar esse modelo e caminhar em compreensão numa espiral ascendente. Ou seja, pautar pelo aprimorando de seus padrões e ascensionar degrau a degrau pela via da conscientização coletiva. Entretanto, constata-se que esse é um processo muito lento nessa sociedade heterogênea e imatura, da qual fazemos parte.

É preciso também atentar para o fato de que no fluxo da vida não há nada grátis, porque tudo tem consequências a serem analisadas, além de um preço a ser pago, que poderá ser uma troca, um esforço ou um valor estabelecido à priori. E se uns não pagam, essa conta será quitada por outros. É alto o preço ao se adotar essa visão com consciência, de modo a agir em conformidade com essa decisão, o que requer coragem, força, dedicação, aprofundamento e treinamento continuado, adesão incondicional aos objetivos estabelecidos para a vida, motivação diária, autodisciplina, autoeducação, entre outros.

O efeito prático na vida da pessoa que resolve ir além do conceito meramente materialista sobre as coisas, de alguém que está se espiritualizando ou que amplia seu cone de percepção e cognição, é ter

como resultado atitudes e ações permeadas por premissas condizentes aos preceitos relacionados adiante. Segundo o meu modo de compreender esse tema, listo doze entre os inúmeros aspectos que estão subjacentes à assunção de uma visão espiritualizada e com consciência sobre a vida:

01. Saber o que fazer: Saber o quê, como e quando fazer em cada situação que se apresenta e isso é fruto do discernimento (qualidade vista mais adiante). Atividade e repouso devem se alternar de modo equilibrado, ponderado, adequado a cada situação. A pessoa deve fluir com cada necessidade e demanda em sua vida, sem ficar estagnada, parada ou em letargia e sem se acomodar à espera de que soluções caiam gratuitamente do céu. Não se deve terceirizar responsabilidades e sim passar a assumi-las. Há uma hora adequada para quietude e para atividade, para tomar a frente e para recuar. Se o problema é grande, deve-se fracioná-lo para resolvê-lo por etapas;

02. Iniciativa e acabativa: a pessoa toma a ação e faz o que é preciso sem que outros precisem lhe pedir ou dizer para fazê-lo. A pessoa direciona e conclui suas ações do início até o fim pretendido, sem se esquivar ou sem esperar que outros tomem o seu lugar para fazê-lo;

03. Harmonização: combinar e equacionar pensamentos, ações, situações; promover comum acordo entre as pessoas envolvidas em cada acontecimento. É manter coerência entre o pensar e o agir, entre o que se acredita e se pratica. É preciso que seja bom para todos os envolvidos, procurando equilibrar e acomodar todas as questões ou interesses difusos, chegando-se a um acerto, que servirá de base para todas as ações empreendidas conjuntamente;

04. Comunicação clara, inteligível e direta: enquanto não tivermos entre os humanos a leitura de pensamento ou a comunicação instantânea efetuada de mente para mente, é fundamental expressar verbalmente ou por escrito os pensamentos, sentimentos e ações a serem empreendidos e efetivados, assim como os projetos a serem desenvolvidos. A manutenção de um diálogo construtivo e a transparência entre as partes, são fundamentais. A Comunicação é o elemento crucial para que se mantenha respeito entre as partes envolvidas;

05. Feedback: é o ato de realimentar ou dar resposta, dar retorno a outra pessoa quanto a determinado assunto, revelando ao outro o que pensa de determinada ação ou situação. Sem esse elemento a comunicação falha, podendo ser interpretada como falta de interesse ou menosprezo do tema em questão. O feedback é o antídoto para o ruído, a distorção e barreiras na comunicação;

06. Empatia: a pessoa desenvolve a capacidade de se colocar no lugar do outro sem subterfúgios, ou de pelo menos respeitar o que o outro está passando, com sensibilidade entre aqueles que estão se relacionando (família, trabalho e coletividade), para

agir de modo adequado em cada situação. Um ponto importante é não colocar a culpa nos outros ou criar narrativas para se eximir de responsabilidades e erros cometidos, dimensionando a parte que cabe à pessoa em cada ação e situação;

07. Sensibilidade: nutrir e desenvolver uma percepção para com os fatos e as situações da vida, das impressões, sentimentos, emoções e necessidades das pessoas com quem interagimos, agindo de acordo com essa compreensão;

08. Responsabilidade: a pessoa se sente naturalmente compelida a responder por suas ações, com predisposição para contribuir voluntariamente e por iniciativa própria, onde quer que esteja e em qualquer situação, sendo proativo;

09. Compartilhar: fazer parte; interagir; partilhar sentimentos, pensamentos, emoções; distribuir sem mesquinha ou individualismo; se predispor a trocas valorosas e significativas;

10. Companheirismo: desenvolver um modo amistoso de convivência, que visa tornar a vida mais amena, promovendo o crescimento conjunto, o apoio de um para com o outro e a validação de um para com o outro. Validar é legitimar, é dizer ao outro em palavras e em ações que o outro é importante, que é merecedor de seu apoio, amor, consideração e companhia. No companheirismo é imprescindível a solidariedade, consideração, generosidade, reciprocidade, apoio, amparo e cooperação;

11. Discernimento: desenvolver a capacidade de julgamento imparcial, de modo a ter uma visão cabal do todo que envolve cada situação. Discernir é conhecer detalhadamente para apreciar, estabelecer um juízo de valor adequado e decidir pelo que é construtivo, conveniente e mais apropriado. Integram o discernimento: o critério, a reflexão, a escolha com sabedoria prática;

12. Soerguer-se: Cair e levantar com coragem, de modo a se erguer em cada eventual queda sem esmorecer jamais.

Logo, esses doze requisitos que se somam a inúmeros outros, decorrentes dessa visão mais ampla da vida e de tudo o que a circunda, é crucial para alavancar mais qualidade e inteireza no dia a dia.

Com tais passos, toda sensação de vazio, de não pertencimento e de certo isolamento em relação ao mundo ao redor, vai se reduzindo paulatinamente. Quem adota esse procedimento de modo espontâneo como rotina natural, vai se tornando incluso ao todo, fator que traz o senso de pertencimento, de estar imbuído e participando das circunstâncias como ator principal ou coadjuvante, jamais como mero figurante. Não se sentirá solto na cena, mas sim, sendo parte indissociável dela e notado como elemento indispensável a ela. Não fica à mercê dos acontecimentos externos. Numa analogia, se movimentará com graça e leveza sobre e entre as ondas, como um exímio surfista, levando uma alta performance à vida.

TRATA-SE DA CONTRIBUIÇÃO DO GRUPO CRÍTICA RADICAL PARA EDIÇÃO DO LIVRO RESISTENCIAS, AUTONOMÍAS Y LUCHAS SOCIALES EN EL BRASIL DE HOY, DA EDITORA (PENSAMIENTO E BATALLA). DESTACAMOS AQUI DUAS PERGUNTAS:

CONTINUAÇÃO - Parte 2

Mas, não era possível que essa descoberta não tivesse também tocado outras pessoas, aqui, no Brasil e no mundo. Estávamos isolados e profundamente sensibilizados com a descoberta. E ficamos imaginando como voarmos diante de caminhos ainda não traçados. Mas, em 1992, percebemos que não estávamos loucos sozinhos. O livro *O Colapso da Modernização* (Paz e Terra) de Robert Kurz nos encheu de alegria. Mesmo que sua bibliografia não incluía os Grundrisse, ele estava lá, e logo no primeiro capítulo.

Numa viagem para São Paulo, em busca de informações sobre o autor e sua obra, para lançamento em Fortaleza soube que poderíamos obter as informações no Labor (Geo/ USP). Na visita nos deparamos com a palestra do Kurz e o convidamos para o seminário que iríamos fazer em Fortaleza. O título do seminário refletia o alcance das pesquisas alcançadas. Então combinamos para 2000 o "Seminário Crítica Radical, Superação do Capitalismo e Emancipação Humana" que contou com 2 mil participantes e mexeu com Fortaleza. Além de Robert Kurz contamos com as presenças de Anselm Jappe, Dieter Heidemann, Norbert Trenkle e Moishe Postone. Em seguida, outros seminários foram organizados com as presenças de Robert Kurz, Roswitha Scholz, Anselm Jappe e Moishe Postone. Ao lado desses eventos demos continuidade à pesquisa, estudos e debates para dimensionarmos melhor os novos e complexos desafios. Concomitantemente mantivemos várias iniciativas. Destacamos aqui as principais: através de um grupo de companheiras, entre elas as fundadoras do núcleo inicial, participamos da Conferência Internacional da Mulher, promovido pela ONU, em Pequim, em 1995, com a participação de 30 mil mulheres de todo o mundo. Em 1997 organizamos uma expressiva manifestação que contou com a participação de mais de 4 mil pessoas, desmascarando o encontro do Mercosul em Fortaleza, onde fomos violentamente reprimidos. Com a presença de uma comissão do Grupo Krisis, ao Brasil, em 1999, trouxemos a Fortaleza Anselm Jappe, autor do livro *Guy Debord*, e realizamos um seminário com os respectivos lançamentos do livro e do Manifesto contra o Trabalho traduzido por integrantes do Labor/GeoUSP. Em seguida, organizamos através de um cortejo funerário, uma manifestação na principal praça da cidade e lançamos o Manifesto contra a Política, que teve ampla repercussão. Os desdobramentos nacionais e internacionais foram e continuam muito frutíferos. Através da nossa conspiração permanente contra o capitalismo estamos, neste momento, num esforço imenso para realizarmos o Encontro pela Emancipação Transnacional Humana e Ambiental. Após essas e outras atividades consideramos que estava amadurecida as condições para nos constituirmos enquanto Grupo Crítica Radical.

PERGUNTA: DE QUE PERSPECTIVA VOCÊS CRITICAM O SISTEMA PATRIARCAL VIGENTE ATUALMENTE? QUAIS SÃO AS IMPLICAÇÕES CONCRETAS DA SUA VISÃO SOBRE ESSE TEMA?

Quando iniciamos a retomada na periferia de Fortaleza nos defrontamos com uma situação das mulheres que ir-

rompia como indescritível, com sujeição desmedida, revolta contida e sem resposta para as verdadeiras causas de seus sofrimentos.

Ocuparia um espaço enorme caso fôssemos relatar os meandros que percorremos para desenhar o fio de meada diante de caminhos não traçados e que nos instigou a voarmos. Daqui adveio a luta pela criação de uma entidade feminina que inaugurou um papel ousado e inovador das lutas das mulheres. Nas pesquisas, reflexões, lutas e relatos de inúmeras companheiras podemos aquilatar melhor sobre os papéis, bem diferenciados do homem e da mulher, nessa sociedade. Nas perscrutações sob as causas dos respectivos sofrimentos, começamos a ensaiar a resposta para o novo papel do movimento feminista. E, foram essas novas investigações que marcaram nossa atuação na Conferência Internacional da Mulher, da ONU, em Pequim, em 1995. O resumo deste voo apresentamos abaixo.

A sociedade atual é resultado de uma longa história patriarcal e cristã ocidental da socialização pelo valor e da dissociação entre os sexos. Para essa história contribuiu decisivamente o homem branco e ocidental. Para que a racionalidade do homem moderno pudesse impor-se na esteira do legado antigo e para além dele, era necessário deslocar a mulher e tudo o que ela representava. Mas não se tratava apenas do fato dos homens expropriarem brutalmente a ciência medicinal empírica das mulheres; antes o que estava em jogo era um projeto fundamentalmente diverso de relacionamento com a natureza.

Agora, essa sociedade apresenta um tipo de crise que põe em cheque sua identidade sexual. Por isso, a superação da socialização pelo valor exige também a superação da sua identidade masculina. Em razão disso, toda tentativa de entender o véu da neutralidade sexual sobre a crise do valor-dissociação está condenada ao fracasso.

Pela primeira vez na história da humanidade a problemática global da sociedade em crise encontra sua expressão na questão feminina.

Superar o patriarcado, hoje, é superar a forma fetichista da mercadoria. Pois aqui reside o fundamento da dissociação patriarcal e a convocação para uma construção histórica para além do fetichismo da mercadoria e de suas atribuições sexuais.

A origem deste homem branco e ocidental, como vimos anteriormente, vem da economia das armas de fogo nos primórdios da modernidade e do potencial destrutivo destas; mas sua constituição e forma de reflexão teórica consciente apenas podem ser encontradas no iluminismo. Por causa disso, a crítica do iluminismo concorreu para a constituição da forma do sujeito moderno, capitalista, masculino e permeada pela ideologia do valor e da lógica da dissociação - um sujeito destrutivo e autodestrutivo.

A forma do sujeito não é outra coisa senão esse modus geral da relação do valor-dissociação, moderno e capitalista, a forma geral de pensar e agir da socialização do valor. Trata-se aqui, por um lado, dessa forma que se apresenta aos

indivíduos como totalidade fetichista do sujeito automático objetivado. Mas esta forma também é, simultaneamente, a dos portadores(as) das ações individuais e institucionais; e, enquanto tal, ela constitui, num sentido mais restrito, a forma do sujeito ou a forma sujeito.

A sociedade do valor e da dissociação representa em si um programa de tábua rasa. Ela constitui a negação brutal de todo o mundo sensível, ecológico e social. Emancipação, portanto, significa a negação da negação do mundo contida na própria forma sujeito. Uma definição claramente negativa e transformadora da formação do sujeito contra o sujeito. Para abolirmos a fetichização entra em cena o antissujeito da desfetichização.

É inegável que anteriormente não foi possível a formação de um movimento que fosse capaz de eliminar o capitalismo e, conseqüentemente, o Estado, a política, o mercado, o dinheiro, a mercadoria e demais categorias fundantes. Não foi possível a formação de atores que forjassem a história da emancipação humana. As experiências revolucionárias do século passado demonstram isto cabalmente. A ausência desse movimento constitui, portanto, a maior vitória do capitalismo.

Isso porque, entre outras razões, a teoria que fundamentava a luta de quem tencionava acabar com o capitalismo, cuja fundamentação residia na história da luta de classes, não dimensionou a compreensão da crítica radical de que os trabalhadores(as) foram criados pelo valor-dissociação. Por isso, foram transformados em comparsas da política e do capital e não dirigentes das suas próprias vidas, vividas e projetadas. Afinal, toda criatura tem dificuldade para superar o seu criador, de substituir o amor da servidão pelo desejo da liberdade. A crítica radical, cuja fundamentação reside na história das relações fetichistas, elimina esta grave insuficiência teórica. Nossa arma é a crítica radical do valor-dissociação que restabelece a identidade, no pensamento e na ação, entre a forma de existir e forma de pensar o até aqui impensável.

Agora, poderemos adentrar no labirinto atual guiando-nos com o fio de Ariadne da crítica radical. Hoje, poderemos superar de vez este sistema de horror, pondo um paradeiro no genocídio da humanidade e ecocídio do planeta e construindo a nossa emancipação do capitalismo. Portanto, o aspecto central da práxis emancipatória tem que ser a suplantação do capitalismo, a superação do sujeito e não a administração da sua crise. Basta de capitalismo de fim do mundo, pelo fim do mundo do capitalismo!

O colapso da modernização deixa claro que é impossível viver nesta sociedade sem uma transformação emancipatória. A ciência e a arte se deparam com este desafio. Na medida que vem à tona o caráter agudo das contradições (éticas, sociais, ambientais, filosóficas, artísticas, culturais, históricas, econômicas, científicas etc.) o saber científico e

sua aplicação passam a enfrentar uma opinião cada vez mais expressiva para que a ciência não continue como um mundo à parte, ao mesmo tempo fonte de fascínio e angústia, mas coloque suas descobertas a serviço da emancipação. Situação ainda mais desafiadora enfrenta a arte em geral. Pois a estagnação e a falta de perspectivas da arte moderna correspondem a estagnação e a falta de perspectivas da sociedade da mercadoria. A glória da primeira passou juntamente com a glória da segunda. Assim, a humanidade só poderá ter futuro se caminhar para além do capitalismo. O movimento encara o obstáculo que tem de ultrapassar. Portanto, uma subversão inédita ronda o mundo - a subversão para a ruptura com o valor-dissociação, o moderno sistema fetichista patriarcal produtor de mercadoria, o capitalismo.

PERGUNTA: PORQUE VOCÊS DENOMINAM ESSA ETAPA HISTÓRICA COMO DE "COLAPSO ECONÔMICO" E "CRISE ECOLÓGICA GLOBAL"?

Ninguém nos trará a salvação
Nem Deus, governo, rei ou herói
Nem política, partido ou candidato(a)
Nem dinheiro, mercado ou Estado
Nem nós mesmos se continuarmos
Pela matrix fetichista formatados(as)
Mas, a emancipação será obra nossa
Ou não será emancipação!

O capitalismo tornou-se, ao longo de sua trajetória histórica, bem maior que o seu criador, o ser humano. Com base nas suas formas sociais categoriais básicas não produziu apenas mercadorias para os seres humanos, mas seres humanos para as mercadorias. E, com isso, o capitalismo tornou-se quase imbatível na superação de suas crises cíclicas. Foi considerado como Fênix que renascia das cinzas.

Hoje, no momento de seu triunfo absoluto, ele se depara com uma crise que expõe o seu limite interno e externo escancarando que o limite do capital é o próprio capital.

Se antes corriamos o risco da esperança perder-se porque não se conseguia mais pensar numa alternativa, a situação mudou completamente. Não adiantou a autocensura do sujeito com sua máscara de caráter, que é mais poderosa do que qualquer organização policial, que quase leva ao fim a existência do pensamento crítico.

Agora irrompe um novo fim de uma época. A época do limite do moderno sistema fetichista patriarcal produtor de mercadorias, o capitalismo. Com isso, os dias do capitalismo estão contados. Aqui, avaliamos suas razões e méritos e concluímos que o patriarcado capitalista fracassou. Portanto, não deveríamos perder a oportunidade histórica para, além de evitarmos a extinção da humanidade da natureza, conquistarmos a emancipação humana e ambiental.

A função radical da rebelião emancipatória com a crítica radical do valor-dissociação do fetichismo moderno, ou seja, de irmos às raízes da história repressiva e irracional da modernização, guardava assim, a sua hora. Até hoje. Mas, agora, ela chegou.

Ignorar as lições da história nos leva não só a repetir, hoje, os erros do passado. Aceitar a continuidade dessa atrocidade humana e ambiental em curso é assumir o assassinato do nosso presente e do nosso futuro. Não existe mão invisível do mercado e mão pesada do Estado sem seres humanos que os construíram e mantêm. Somos nós, os seres humanos, que permitimos que essa situação ainda permaneça. Mas, também, somos nós os únicos que podemos acabar com ela. Afinal, o limite do capitalismo não deve ser compreendido como o limite do ser humano.

Urge, que milhões de pessoas, conscientes, livres e associadas decidam ir para além da decomposição do sistema com sua devastação ambiental e regressão humana. Para isso, teremos que construir já, uma saída para uma vida plena de sentido. Com isso, impõe-se começarmos a arrancar nossas máscaras de caráter para não continuarmos mais na matrix fetichista formatados(as). E, se não existem caminhos



traçados, voar é preciso. A questão não é trocar uma política por outra, mas superá-la. A virada deste jogo está posta. Um projeto alternativo ao capitalismo é a nossa resposta.

O capitalismo no século XXI perdeu sua dinâmica e alcançou sua fronteira histórica. A lógica de seu processo de acumulação está em extinção. A relação social fundamentada no dinheiro ficou sem perspectiva. A enorme acumulação de meios que o sistema dispõe não torna a vida mais bela, mais humana, plena de sentido. Ao contrário, a insistência na continuidade do capitalismo passou a comprometer a vida da humanidade e da natureza. Com isso, a árvore dourada da vida ancorada nas categorias capitalistas (valor, dissociação, trabalho, dinheiro, mercadoria, Estado, política, nação, democracia, direito, economia...) tornou-se cinzenta. Verde é a nova ideia de ruptura que aprende, combate, e suplanta a totalidade do moderno sistema fetichista patriarcal produtor de mercadoria, o capitalismo. Onde essa história começou e se desenvolveu? E, como está hoje?

AS SOCIEDADES PRÉ-MODERNAS ERAM ACRÍTICAS.

As sociedades pré-modernas não existiam em todo planeta. Não possuíam consciência histórica. Não dispunham da história como uma explicitação de seus processos de evolução e formação socioeconômica. Além do mais, não estavam em conflito consigo mesmas, ou seja, com sua própria forma. Uma dinastia podia suceder a outra, mas a forma social como tal não era colocada em questão. A sociedade, sob tais pressupostos, aparecia sempre como sociedade em geral, não como forma específica que também poderia ser totalmente diversa. As sociedades pré-modernas eram capazes de reproduzir-se por períodos incrivelmente longos (no caso do Egito, por séculos) sem ruírem a partir de dentro. Seu declínio, pois, era condicionado antes de tudo por causas externas.

As sociedades agrárias pré-modernas possuíam uma reflexão que não fazia a crítica da sociedade. Antes, era uma reflexão imediata sobre Deus, ou sobre o universo, sobre a posição do ser humano no cosmos, sobre o enigma da morte. Era necessariamente, portanto, uma reflexão religiosa e com conteúdo religioso que permaneceu vinculada à estrutura socioeconômica pressuposta sem crítica.

Nas sociedades pré-modernas havia, desde épocas distantes, a troca local e, do mesmo modo, o comércio exterior (especiarias, seda, minérios, armas, etc). Grécia, Egito e China desenvolveram notável comércio onde o dinheiro, sob diversas formas, foi utilizado como mediação entre as "mercadorias". No entanto, nessas sociedades o volume de trocas permaneceu pequeno. Afinal, eram sociedades essencialmente agrícolas, baseadas no trabalho servil e organizadas por um Estado despótico. Assim sendo, nunca se formou, abrangendo toda sociedade, um sistema produtor de mercadorias. E o trabalho não constituía uma esfera separada. Nem tampouco era encarado como um princípio ontológico da sociedade humana. Ao contrário, possuía um significado de inferioridade social e dependência. Estas sociedades conheceram a invenção de máquinas que aumentavam a produtividade. Mas, elas não causaram nenhuma revolução no modo de produção como em séculos posteriores. Durante longos séculos, a "mercadoria" permaneceu um fenômeno de "nicho", limitada à circulação, isto é, uma troca ocasional de produtos quase sempre obtidos por apropriação direta (escravidão, servidão).

O desenvolvimento da "mercadoria" e do "dinheiro" foi submetido, no final da Antiguidade, a um declínio que durou séculos. Contudo, nesse período, particularmente, a partir do século XIII, foram surgindo elementos fundamentais para o nascimento do capitalismo. Inicialmente nos mosteiros, onde, pela primeira vez, atribuiu-se ao trabalho um significado moral - exatamente na qualidade de sofrimento. E o trabalho nos mosteiros era acompanhado de organização regular do tempo. Esta fazia parte desse fenômeno mais vasto que era a introdução do "tempo abstrato" visível também na invenção e difusão dos relógios. Mas, um novo e decisivo elemento rompeu com a caminhada lenta na direção do capitalismo.

UMA FORÇA DESTRUTIVA ABRE CAMINHO PARA O CAPITALISMO

O advento da modernidade alterou completamente esta situação, não através de uma força produtiva, mas, pelo contrário, destrutiva. O homem branco e ocidental com suas economias das armas de fogo abriu o caminho para a modernização. Foi através da invenção e do uso das armas de fogo que se destruíram as formas pré-capitalistas de domínio. A cavalaria feudal tornou-se militarmente ridícula. Estava selado o destino dos exércitos trajados de armadura. Mas, as armas de fogo não estavam nas mãos de nenhuma oposição "de baixo" que fizesse frente ao domínio feudal.

Isso fica evidenciado na medida em que as armas de fogo não podiam ser produzidas em pequenas oficinas. Ao contrário, elas exigiam uma indústria de armamentos em grandes fábricas. Tanto as armas, quanto a construção de fortificações, deviam ser pagas em dinheiro, bem como os mercenários. O dinheiro começava, assim, muito mais que durante a Antiguidade, a penetrar com profundidade na sociedade e a dissolver a vida agrária localizada.

Indústrias armamentistas, corridas armamentistas e manutenção de exércitos permanentes e organizados, divorciados da sociedade civil e ao mesmo tempo com forte crescimento, conduziram necessariamente à dependência do dinheiro.

A produção de mercadoria e a economia monetária "elementos fundamentais do capitalismo" passaram a existir porque contaram com a economia militar e de armamento. Através delas, as pessoas foram forçadas a ganhar dinheiro.

Evidentemente, as pessoas não se deixaram levar de livre e espontânea vontade pelas exigências da nova economia armamentista e financeira. Só podiam ser forçadas a isto por meio de uma repressão sangrenta. Eis aqui a origem das guerras camponesas, no início da modernidade, até as agitações dos ludistas (chamados "quebradores de máquinas") e a caça às bruxas. Por meio da caça às bruxas a igreja forneceu o impulso decisivo para a destruição da antiga imagem mítica do mundo, e nesse sentido, foi plenamente propícia aos novos poderes e novas ideias.

MERCADORIA, DINHEIRO E TRABALHO - AS ORIGENS DO CAPITALISMO

A origem do capitalismo está vinculada, portanto, à violência. Foi a repressão que transformou os pequenos produtores em trabalhadores(as). Para isso, eles foram expulsos de suas terras e tiveram cortados seus direitos à caça, à pesca e à lenha. A finalidade dessas medidas era forçá-los a venderem a única coisa que ainda lhes restavam - sua capacidade de trabalho. A junção entre mercadoria, dinheiro e trabalho está na origem do valor-dissociação, da valorização do dinheiro e, portanto, do capitalismo. No entanto, outros fatores contribuíram para o surgimento e desenvolvimento do capitalismo. Entre eles cabe destacar a mudança nas formas de consciência e o disciplinamento do ser humano. Papel importante cumpriu, neste sentido, o sistema escolar e educacional para o adestramento espiritual e aprendizado de parâmetros comportamentais com a finalidade de se ajustar à vida inteira ao trabalho.

O nascimento da ciência moderna e sua visão quantitativa da natureza estavam vinculados ao surgimento do valor-dissociação, uma abstração real que dominaria a vida social. A concepção de Galileu sobre a natureza e a de Newton sobre a força gravitacional, surgiram na época em que o mundo passava a se unificar sobre o governo de uma única força - o dinheiro. Além disso, a glorificação do trabalho, a mudança do mundo mediante o trabalho e a defesa de virtudes indispensáveis para se obter esses objetivos ganharam, no Renascimento, uma força considerável.

A partir desse momento, torna-se decisivo interiorizar nas pessoas as exigências do trabalho. Jeremy Bentham, Hobbes, Rousseau, Kant, entre muitos outros, pregam uma nova submissão: Não mais a um senhor de carne e osso, nem a um Deus, mas ao novo fetiche, ao mecanismo impessoal, sob o aspecto de "razão", "vontade geral", "progresso" e "Estado". A razão dos iluministas era também a transfiguração da irracionalidade da valorização.



CINTYA Rodrigue, formação Superior em Letras/ Português e Espanhol pelo Centro Universitário de Anápolis – UniEvangélica em 2009. E graduanda em História pela Universidade de Goiás. Especialista em Metodologia do Ensino Fundamental pela UFG 2011 e Especialista em Inovação em Mídias Interativas pela UFG em 2016. É membra efetiva da cadeira 006 da Academia Mundial de Letras da Humanidade do ABC Santo André de São Paulo em 2023 e membra efetiva do Núcleo Acadêmico de Letras y Artes de Buenos Aires 2024. E atualmente foi empossada com mais nova membra da Academia de Letras e Artes de Goiás no ano de 2024.

As incoerências da palavra “amor” quanto ao ser

▪Cintya Rodrigues

Reside no mundo uma tal voz da pacificação
Do homem bondoso, intocável e fervoroso de fé
Nos ditames da ordem e dos valores morais de um moço de respeito
Convertido na própria imagem e semelhança de Deus
Em nome desse mesmo Deus com um só golpe desferi contra quem ousa
Mudar esse conceito da falsa moralidade
Esse mesmo ser mata por ganância e destrói o que vem por tirar-lhe
O direito de ter nascido em berço de ouro
Todos o idolatram como o próprio Deus vivo ou mesmo o faraó
Em seu trono pomposo que todos abaixam para cultivar um “deus”
Vendo-o como uma escada para a sua escalada de papel de importância seu reino de ouro e de magnitude
Porém, esse homem não aceita a negativa, projeta em si todo o narcisismo e agatismo
Onde viver na mentira é mais promissor e cauteloso do que a verdade
És que surge um Daniel que sai das covas dos leões como um guerreiro de luz e de virtude
E mostra a toda a elite as suas corrupções que enganam, roubam e articulam nas sombras o mal do outro
Agora esse homem se torna uma pedra no sapato daqueles que o invejam por sua grandeza e sabedoria
Tão pequeno que se tornou um gigante
Vem o coro de vozes em defesa do maligno e tentam de todas as formas isolar esse homem que carrega em seu nome Daniel a força de um leão que ruga por sede de justiça e por o amor
O ser humano se diz humano, mas age como um implacável ditador onde não abre espaço e nem tão pouco sabe o que é o amor, pois somente conhece
As suas glórias, a sua empáfia e se ludibria como sendo o dono do mundo
Surge um cântico doce e bucólico troçando as amarguras e dores de um Lima Barreto
Quem em seus impropérios discursos convulsivos e tido

como um louco
Era mais realista do que o próprio o Machado de Assis o fora em suas ironias
Meu amigo Lima, pois me considero amigo deste a quem, pois sinto em suas palavras as agulhadas
Que são vivenciadas dia após dia,
Escrevia o que nunca deixará de existir
A Literatura que não aceita a beleza como fonte de inspiração
Sim a que soergue o grito vaporoso da Coruja que vocifera
Os crimes, as enganações e a cheia de um temporal dos acabrunhados
E as fatídicas cores dos sabores que tangenciam o corpo decadente
De uma sociedade doente e alienante que exaure o gosto amargo de um
Mundo caduco, não de ser velho, mas com o qual continua em um processo
Renitente na manutenção da maior escravização que é a do ego
O ego que se envaidece e não aceita o novo como porta para passagem do melhor
Que é o amor
Um amor que valoriza
Um amor que não inveja
Um amor puro
O amor só irá existir quando souber amar
E amar sem cobranças
Um amor genuíno
O amor dos verdadeiros apaixonados
O amor do ser maior
Com Deus e para Deus

“Quando amo ao próximo, Logo conheço e permaneço em Deus.”

Foto: Peter Britomischky



KEULA Rodrigues, nasceu em Taguatinga-DF. Historiadora, Pedagoga, Especialista em Ed. Infantil, Ensino Especial, Saúde Mental, Mestre em Ciência Política e Psicanalista. Imortal da ATL e da ALMUB. Membro da AIAB e AJEB-DF. Presidente da ALETRAS e do JOMA. Conselheira do CDCA-DF. Membro da Maçonaria Feminina. Membro do Rotary Club de Águas Lindas de Goiás. Escritora de livros infantojuvenis, poemas, contos, textos acadêmicos e outros. Publicou quatro livros infantojuvenis e em mais de 30 Antologias nacionais e internacionais. Organizadora de Antologias, Saraus, Oficinas, Rodas de Mulheres, Mestre de Cerimônia, Produtora Cultural e Conselheira Editorial. Participa de ações educativas voltadas a consciência ambiental no Projeto NULLA. Praticante de danças, percussão e coralista. Contato: @keularodrigues.

DISCURSO proferido pela escritora Keula Rodrigues, Presidente da Academia Aguaslindense de Letras-ALETRAS, na Cerimônia da Saudade do Acadêmico Titular Alberto Juracy Pessoa Sobrinho.

“BOA NOITE A TODAS E A TODOS!

Saudações aos nossos acadêmicos, na pessoa do Presidente de Honra, escritor Pedro Gomes e do meu Vice-Presidente escritor Osmar Monte, familiares do nosso saudoso Alberto Pessoa, sua esposa, filha, filho, neto e demais convidados. Saudamos também os nossos mais recentes Acadêmicos Beneméritos que participam pela primeira vez de um momento solene da ALETRAS. Não poderia também deixar de destacar a presença de moradores locais, sede de nossa academia e em especial aos que nos visitam pela primeira vez.

Hoje nos encontramos aqui reunidos, em momento solene, para realizar a Cerimônia Magna da Saudade, em homenagem ao nosso acadêmico Alberto Juracy Pessoa Sobrinho, que se autodenominava apenas, como Alberto Pessoa, ao assinar seus textos poéticos literários.

Esta não é exatamente a agenda que gostaríamos de cumprir em nossa gestão, prin-

cipalmente por ser a segunda, após, a da imortal Herotildes Milhomem. Todavia, não poderíamos deixar de homenagear aquele, que é um grande expoente das letras, seja na poesia, prosa, ou em seus inúmeros artigos de cobertura jornalística, em diversos eventos culturais de Brasília, Águas Lindas, em outros estados da federação e no exterior, locais em que foi agraciado com títulos e honrarias diversas. Demonstrava sempre muito apreço pela ALETRAS todas as vezes que a mencionava, participava das reuniões oficiais e sociais com muito entusiasmo e sentia-se orgulhoso em fazer parte, pagou pontualmente a contribuição mensal até a data de seu falecimento.

Quiseram os desígnios por força maior, que sua passagem para o outro lado da vida ocorresse de forma brusca, apesar dos dias de internação. Mas, sem aviso prévio ou tempo para uma despedida. Ao nascermos iniciamos a nossa jornada de aprendizado e construção de legado, com a única certeza da finitude que chegará cedo ou tarde para todos nós. Sem que pudéssemos impedir ou

pedir para ficarmos mais um pouquinho, aceitamos com resignação alimentando o sentimento de saudade, dos bons momentos que passamos em sua companhia e visitando seus escritos. Como estes, retirado do poema POEMADOR de sua autoria publicado em nossa última coletânea, pois sempre participava atendendo ao nosso convite e contribuindo para o engrandecimento de nossa academia, como deve ser a postura de um acadêmico na preparação de sua imortalidade. Seguem os versos do Alberto Pessoa para deleite de todos, pois a melhor homenagem a um poeta é a transmissão de seus versos, imortalizando a sua produção literária e passagem pelo orbe:

“POEMADOR

Onde tu estás
Não te encontro
Só confronto
E nada mais.

Busco a pena
Quebro o tema.
Sem dó te caço
Com dor fracasso.

Mas, onde andas?
Por que não me vens?
Sem brigas, lutas.
Só te quero bem!

Penso, repenso
Evoco amor.
Mas foge verso
Deste poemador.”

Nestes versos é possível perceber uma escrita apaixonada e apaixonante em pleno pulsar de sua veia poética, tendo o tema da dor do poeta e a paixão como leitmotiv. Deixa esposa, filha, filho e um neto filho. Para a academia e para o meio literário, empresta um grande legado e exemplo de pessoa ca-

rismática. Prestativo e de coração aberto, a todos que tiveram a honra e o prazer de gozar da sua convivência. Participava de diversos coletivos culturais, academias como imortal e era professor da disciplina de geografia, deixando um legado na docência.

Enquanto realizamos a Cerimônia oficial da saudade em memória do Alberto Pessoa, aproveitamos a ocasião para que todos os acadêmicos titulares, incluído esta que vos fala, possamos renovar o nosso compromisso na produção literária. Seja em publicações solo, e/ou em antologias organizadas pela casa e por outros veículos literários, objetivando a construção de legado como futuros imortais, tal qual o homenageado da noite, ao deixar um livro editado a ser lançado de forma póstuma.

Em face do exposto, em nome da Academia Aguaslindense de Letras-ALETRAS, nós agradecemos in memoriam, e parabenizamos o Acadêmico Alberto Juracy Pessoa Sobrinho, por todos os seus feitos em prol de nossa academia e por todo o seu legado e memorável história de vida.

Vou falar o nome dele e peço que repitam a palavra Presente.

Alberto Juracy Pessoa Sobrinho: PRESENTE!

Cumpre dizer que será eternamente lembrado e constará nos anais de nossa academia como Imortal.

Tenho dito,

Keula Rodrigues - Presidente da Academia Aguaslindense de Letras-ALETRAS.

Águas Lindas de Goiás-Go, 08 de Junho de 2026.

Pela oportunidade, agradeço.”

Após o discurso da escritora Keula Rodrigues, conforme os ritos acadêmicos, na condição de Presidente da Academia Aguaslindense de Letras-ALETRAS, foi declarada a vacância da cadeira de N° 27 do Patrono, escritor Guimarães Rosa, ocupada pelo acadêmico Alberto Juracy Pessoa Sobrinho, que doravante também terá o seu nome vinculado a ela como imortal. A cerimônia da saudade encerrou-se com os agradecimentos pela presença de todas e todos e o desejo de uma boa noite.



DANIEL Lemos, é pianista e professor do Curso de Música da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr)

Monção de Carará

■ Daniel Lemos

Pertencente à Região dos Lagos, na Baixada Maranhense, Monção é uma das ocupações mais antigas do Maranhão. Assim como na maior parte das cidades brasileiras, nasceu de uma aldeia indígena Guajajara chamada Carará que foi aculturada e dominada por colonizadores. Seu primeiro núcleo ficava no povoado Areias, a cerca de 6 km da fazenda Camacaca subindo o rio Pindaré. Ronilson de Sousa, historiador monçonense, afirmou ter feito este trajeto, chegando até a Reserva do Gurupi. A sede atual foi construída por volta de 1760 em um planalto, escolhido pelo inglês Diogo Boily. O território de Monção era vasto, fazendo divisa com Imperatriz, Carutapera e Pinheiro.



MAPA do Maranhão com Monção no centro abaixo.
Fonte: Francisco de Paula Ribeiro, 1819.



PORTO de Monção no rio Pindaré por volta de 1930.
Fonte: Ronilson Sousa.

Como Viana, vista na 16.^a edição da Revista Nova Imagem, Monção possui uma tradição musical importante desde o século XIX. Entretanto, raras informações sobreviveram ao tempo. Em 1888, em um evento ao Papa da época organizado pelo vigário Manoel Viriato de Araújo Bogéa, foi feita uma ladainha com acompanhamento instrumental, um Te-Deum Laudamus (hino católico) e uma tocata da banda de música com cantores. Mesmo sem saber quem eram os participantes, este acontecimento mostra que Monção contava com um movimento musical proporcionando as vivências que levaram à formação dos músicos de então.

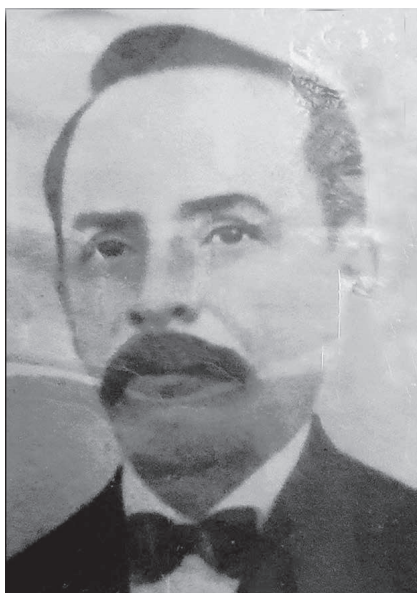


PRAÇA Nelson Serejo de Carvalho por volta de 1930.

Fonte: IBGE.

O pouco que sabemos provém dos maestros monçonenses com atuação relevante em outras cidades e nelas lembrados. Um deles é Sebastião Augusto da Costa Pinto (1876-1942), que nos primeiros anos dos novecentos, estava morando em Vitória do Mearim. Em 1908, foi para Itapecuru-Mirim organizar e reger a banda Despertadora Itapecuruense, criando na oportunidade do Hino desta cidade. Em 1922, recebeu uma ótima proposta salarial para liderar a banda da Companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão em Codó, fixando-se lá por alguns anos. No fim da década de 1930, estava em São Luís regendo o Jazz Sebastião Pinto.

Outro maestro de Monção que teve relevante trajetória foi Almir Garcez Assaí. Em 1936, já atuando como tabelião, perdeu sua primeira esposa, Ismar Alves Melo Assaí. Anos depois, fixou residência em Bacabal e se tornou um importante músico nesta cidade, fundando a banda Santa Cecília na década de 1950. A atual Escola de Música Municipal leva seu nome em homenagem.



SEBASTIÃO Pinto.

Fonte: Escola de Música Joaquim Serra.



ALMIR Garcez Assaí.

Fonte: Academia Bacabalense de Letras.

Dentre os maestros que ficaram em Monção, temos Joaquim Maciel Aranha, listado como instrutor de música em 1906. Na década seguinte, temos Antonio Maciel Aranha, certamente parente do anterior. É comum que pessoas da mesma família se dediquem à música, estimulados pelo ambiente doméstico. Na década de 1930, Martinho Diniz era o regente da banda de música local.

A próxima informação que temos trata da Lei Municipal n.º 105/1954, que organizou a instrução primária em Monção com escolas na sede e nos povoados, prevendo a criação de

uma escola de música. Entretanto, não temos notícias posteriores sobre ela ou mesmo se chegou a ser implementada de fato.



BOI Linda Jóia de Jacaréi em 2018.

Fonte: Centro Cultural Vale Maranhão.

Na cultura popular, Monção é berço de um sotaque do bumba-meu-boi pouco conhecido mesmo para pesquisadores: o de “caixa” – eles preferem chamá-lo de “Baixada de Monção” – que faz uso de tamboretas e corneta, além de ter uma articulação rítmica distinta. Dentre

seus grupos, destacam-se o Boi Linda Jóia de Jacaréi e o da comunidade quilombola de Mata-Boi. O projeto Terra dos Tambores, liderado pelo percussionista Kadu Galvão, entrevistou o mestre Manoel Pinheiro do Boi Linda Jóia – acesso em: <https://youtu.be/KRT4ot92OH4>.

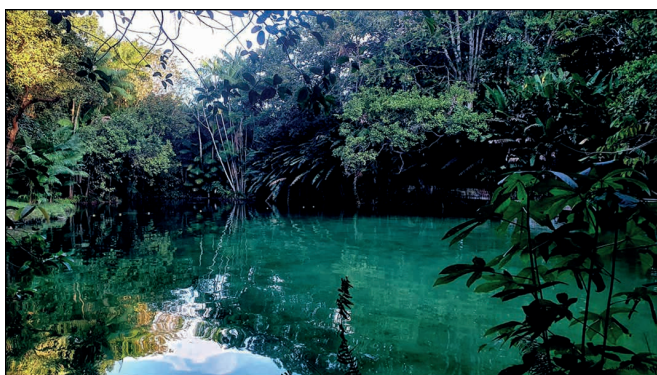


FESTA do Divino Espírito Santo em Outeiro.

Fonte: autor, em 2024.

Outra tradição monçonense é a Festa do Divino do povoado Outeiro, também mantida graças a esforços comunitários. Para as bandas de música, que precisam de instrumentos, material didático e pró-labore para professores, a sobrevivência depen-

de de investimentos, e Monção é um caso em que esta tradição foi abandonada. Surpreende também a dificuldade em encontrar fontes sobre sua história, mesmo sendo um local antigo – um alerta antes que mais informações sejam perdidas.



BALNEÁRIO Riacho Doce.

Fonte: autor, em 2024.



FÁBIO Gonçalves, é mineiro de Água Boa (Claro dos Poções) MG. É professor, artista plástico, escritor, artesão, músico, poeta e contador de histórias. Licenciado em Letras, pós-graduado em Supervisão e Orientação Educacional e Mestre em Letras. Publicou 6 obras: *Cristais* (1999), *Do Fundo do Poço* (2004), *Anjo*, *Retratos de uma Paixão* (2009), *E aí, Bicho?* (2013), *Lalá, a Lagartinha Mágica* (2018) e *Sentidos* (2023). Participou de várias bienais do Rio e de São Paulo, além da FLIP (Paraty/RJ). É membro de várias academias de letras e artes nacionais e internacionais e recebeu dezenas de prêmios no Brasil e no exterior.

Falando de Ti

■ Fábio Gonçalves

Quando percebo que é chegada a madrugada, pelo sono sorrateiro amortecendo as minhas pálpebras, e que não há mais risos e pessoas perambulando pelas ruas, nem o tilintar dos copos no balcão, nem mesmo os acordes quase dormientes de um companheiro de solidão, lembro-me de ti e começo a tecer um sonho, recostado num travesseiro duro como o sacrifício da tua ausência...

Meu coração percorre as ruas, anda devagar pela avenida, dobra uma esquina, corre pela rodovia, desce uma serra, faz curvas, sobe ladeiras, transpõe pontes, corre feito um louco e chega quase cansado ao coração de uma cidade. É fria a noite. Ninguém deverá estar nas ruas a esta hora. Já não é mais dia...

Tento em vão adivinhar:

Meu Deus, o que estarás fazendo a esta hora?

Certamente dormes.

Meu coração perdeu o sono há tempos e agora se aproxima do teu rosto numa cama qualquer, num quarto qualquer, numa casa qualquer... é sereno e não mostra cansaço. Teu sono solto faz-me aproximar. Debruço-me ao lado da tua cama e meus olhos olham os teus olhos fechados. Minha boca se aproxima da tua e fico à distância de um sussurro. Desesperadamente trêmulo.

Perco os sentidos e já nem sei mais quem sou. Acabei de me desidentificar. Não tem mais sentido ter sentido algum.

Balbucias algumas palavras que o sono te obriga a dizer e entre elas posso discernir perfeitamente uma sílaba do seu nome.

Minhas mãos trêmulas

acariciam teu rosto, carregando na alma a dor, o amor e o medo. Ainda escuto meu coração dizer: dorme, meu anjo, dorme!

Cerro a porta e saio. Quase num ímpeto, olho pela janela semiaberta, num último e tentador desejo de contemplar mais uma vez a serenidade do teu sono, vejo, pela última vez, meu coração pulsando forte sobre o teu peito como se quisesse morar ali para sempre...

E mais uma vez me esvaio. Um oco interior me atormenta. Sinto-me novamente caído e o abismo se alarga.

Com o resto das lágrimas que me restam, rendo-me a uma única e sofrida lágrima que desliza teimosamente pelo meu rosto, cálida e profunda, como um pingo de estrelas, espremida nas bordas apertadas do meu coração selvagem de fera e flor...



VIRIATO Campelo, médico, professor titular da UFPI, ex-Vice-reitor, escritor, compositor, produtor cultural, pesquisador e acadêmico.

Exposições NO PIAUÍ

■ Viriato Campelo

Na edição da revista anterior, referi-me às artes piauienses como um todo. Agora, gostaria de me deter exclusivamente nas artes plásticas.

Temos artistas renomados, como Lucílio Albuquerque, nascido em Barras, em 1877, que se destacou no Rio de Janeiro. Um dos grandes colecionadores de sua obra é o acadêmico Nelson Nery Costa.

No século XX, tivemos grandes nomes piauienses das artes plásticas, como Afrânio Castelo Branco (Teresina, 1930) e Pindaro Castelo Branco (Floriano, 1930), ambos expressionistas e reconhecidos no cenário das artes brasileiras.

Sobre alguns desses artistas já vêm sendo realizados importantes estudos. É o caso de Afrânio Castelo Branco, cuja obra foi pesquisada pela professora doutora Núbia Canejo, da UFPI, e pela doutora Maria de Fátima C. Branco. Precisamos ampliar esse campo de pesquisa, valorizando cada vez mais nossos artistas.

Atualmente, temos algumas exposições em atividade no Piauí. Acredito que a mostra em homenagem ao grande pintor Nonato Oliveira (São Miguel do Tapuio, 1949), na Galeria Dora Parentes, do Sesc Cajuína, seja a mais representativa.

Celebrando 60 anos de atividade artística, Nonato Oliveira apresenta uma exposição de grande porte, reunindo obras pertencentes a colecionadores e instituições. O conjunto reafirma sua importância como um dos maiores nomes das artes plásticas piauienses.

Foi também Nonato Oliveira quem impulsionou uma renovação das artes plásticas piauienses na década de 1970, movimento que motivou uma exposição organizada com parte do meu acervo na Pinacoteca Marechal das Artes, destacando essa significativa transformação artística.

A Pinacoteca Marechal das Artes, situada na cidade de Pedro II, uma das mais intensas cidades piauienses em termos de cultura





e educação, tem a coordenação de Ivanilda Amaral e a direção-geral do arquiteto Paulo Vasconcelos.

A exposição realizada na Pinacoteca Marechal das Artes, com parte do meu acervo, reuniu obras de artistas consagrados, como Afrânio Castelo Branco, Fátima Campos, Nono Oliveira, Josafá da Silva, David Aguiar, Arnaldo Albuquerque, Albert Piauí e Dora Parentes.

Também participaram da mostra Heloisa Cristina, Liz Medeiros, Avelar Amorim, Antônio Quaresma, Paulo Barros, João Batista, Faena Couto, Aureliano Müller, Jacinta Ramos, Júnior Brandão, entre outros artistas que contribuíram para apresentar um panorama da riqueza da produção plástica piauiense.

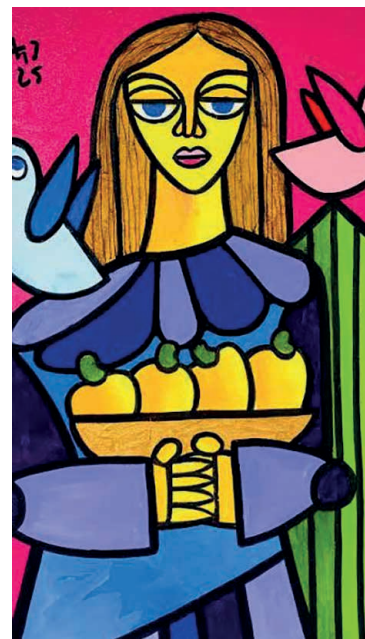
Merece destaque, ainda, a exposição "Todas as Cores", também realizada na Pinacoteca Marechal das Artes. A mostra evidenciou a diversidade da produção artística do Estado, reunindo diferentes linguagens, técnicas e gerações de artistas, rea-

firmado a importância da instituição como espaço permanente de preservação, difusão e valorização das artes plásticas piauienses.

Outra exposição de destaque é "São Franciscos", realizada na Casa de Francisco. A mostra reúne mais de cem artistas populares, cujas obras são inspiradas na espiritualidade franciscana, em um espaço situado numa região mais afastada de Teresina.

Em suma, estas são apenas algumas das exposições atualmente em cartaz no Estado do Piauí. Sabemos que existem outras, distribuídas por diferentes municípios, revelando novos autores e fortalecendo esse permanente processo de renovação das artes plásticas.

É necessário ampliar sua divulgação, incentivar a formação de público e facilitar o acesso dos admiradores. Somente assim será possível preservar, valorizar e projetar, cada vez mais, a riqueza das artes plásticas produzidas no Piauí.





FRANCISCO de Assis Sousa, nasceu no dia 17 de junho de 1971, na cidade de São Julião-PI. É professor licenciado em Letras-Português (UESPI), especialista em Linguística (UFPI), Literatura Brasileira (URCA), Planejamento e Política Educacional (URCA), Políticas Públicas e Contextos Educativos (Universidade Lusófona de Lisboa - Portugal). Como escritor, já publicou as seguintes obras: *A Margem Esquerda do Rio* (poesia, 2007); *Sorria, enquanto é Tempo!* (crônica, 2011); *Filhos do Asfalto* (crônica, 2014); *O visionário* (ensaio biográfico, 2014); *Pedras que Cantam* (crônica, 2018); *Minha Vida em sua Boca e Outros Poemas* (Poesia, 2019) e *Na Encosta de Terra Dura* (crônica, 2025).

Selvagem

▪Francisco de Assis Sousa

Olha só como as coisas acontecem. Estava pesquisando sobre a primeira edição do Rock In Rio, realizada em janeiro de 1985, na capital fluminense. De posse da programação, entre as atrações nacionais e internacionais, não sei por qual motivo, fui buscar Os Paralamas do Sucesso. Depois, o Meta AI foi me explorando e perguntou qual das músicas da banda eu gostaria de saber mais. Muitas são as que me agradam, do rock a balada romântica, porém digitei aleatoriamente, Alagados. Uma porrada de informações surgiu na tela, uma delas afirmava que é um dos maiores sucessos do grupo e faz parte do LP *Selvagem*. Foi aí que o pensamento me recolou no ano de 1986.

Neste período, passava uns meses com meus avós paternos na fazenda Jurema, Quarenta, estes dois nomes a definem. Durante a semana, frequentava a escola pela manhã e assistia a Sessão da Tarde todos os dias. Já no sábado e no domingo, dava umas voltinhas pelo roçado. Sempre me fez bem caminhar sozinho pelas roças, pelo mato. Ali era aonde meus mais atrevidos pensamentos se soltavam. No entanto, em um desses ociosos dias, resolvi descer a pé até o Mandacaru. A caminhada deve ter durado uns trinta minutos.

Chegando no povoado, entrei num bar que ficava em uma das esquinas do quarteirão principal que desembocava na BR-230, de frente para outro comércio de bebidas, separados apenas pela estrada que cortava aquele distrito. O estabelecimento era cuidado, naquela tarde quente, pelo colega de aula e de futebol, na hora do recreio, Carlinho da Mariosa. Curiosamente, a radiola tocava: “Alagados, Trenchtown/favela da Maré/a esperança não vem do mar/nem das antenas de TV/a arte de viver da fé/só não se sabe fé em quê”. Aquele balanço me contagiou e eu pedi para ver a capa do disco que trazia a figura de um adolescente sem camisa, descalço, despen-teado e, com a mão direita, segurava um arco apoiado na terra batida. Mais abaixo, ao lado e em vermelho, estava lá, em forma de carimbo, a inscrição *Selvagem*?

Ao ouvir a faixa-título, anos depois, compreendi que

a imagem do menino, associado ao nome do disco, trazia o questionamento de quem era realmente selvagem: a criança maltrapilha ou o contexto violento que a criara? Assim, aproveitei o instante em que no bar não havia clientes, e, com o consentimento do amigo, tomei de conta do som. Segui passando as músicas, a emoção era tamanha que fui ouvindo-as aleatoriamente, sem obedecer a sequência, até que aportei em Teerã: “... E o futuro o que trará/para as crianças em Teerã/brincar de soldado por entre os escombros/os corpos deitados não fingem mais...”, letra em alusão a Guerra Irã-Iraque que caminhou por quase toda a década de 80.

A agulha no disco de vinil foi correndo e cheguei em A Novidade, letra de Gilberto Gil e música do trio que forma Os Paralamas (Herbert Vianna, Bi Ribeiro e João Barone): “A novidade era a guerra/entre o feliz poeta e o esfomeado/estraçalhando uma sereia bonita/despedaçando o sonho pra cada lado/Oh, mundo tão desigual/tudo é tão desigual/oh, oh, oh/De um lado esse carnaval/do outro a fome total/oh, oh, oh...”, um balanço manero que mistura rock com a batida reggae caribenha. O LP ainda continha a muito tocada *Melô do Marinheiro*, mas a que me calou, já no final do dia, foi *Você*. Depois descobri que já tinha sido sucesso na voz de Tim Maia, o compositor da canção.

*Você
É algo assim
É tudo pra mim
É como eu sonhava, baby
(...)
Sou feliz, agora
Não, não vá, embora não
(...)
Vou morrer de saudade!
Vou morrer de saudade!
Vou morrer de saudade!*



ANTONIO Gonçalves, escritor, sócio efetivo do IHGC (Instituto Histórico e Geográfico de Caxias e da ASLEAMA) Academia Sertaneja de Letras, Educação e Artes do Maranhão.

O futuro é nosso

■ Antonio Gonçalves

Quase sempre, não dispomos de tempo para pensar no nosso futuro. Esse tempo que coloca tudo em seu lugar, o rei no seu trono, o palhaço em seu circo e cada fantasma no seu castelo. Nas poucas vezes em que o fazemos, não empenhamos esforços na sua consecução. Smiles sustentava que “querer é poder”, mas neste querer a capacidade volitiva é apenas um acessório que não produzirá efeitos se o essencial for postergado. Na realidade, não será com desejos, apesar de firmes, que construiremos o nosso futuro. É indispensável ação decidida e forte, pois nada se constrói sobre o nada. As árvores frutíferas desenvolvem-se com o sol, mas não produzirão bons frutos se a mão humana não as tiver tratado com espe-

cial carinho, enxertando-as, guardando-as, adubando o terreno. Tornamo-nos homens, porém jamais seremos bons irmãos, bons filhos ou bons amigos se não tivermos aprendido com os nossos pais a religião da amizade. Nada se faz, pois, sem uma causa que justifique o resultado almejado. A riqueza podemos tê-la, todavia, ela não germinará nem crescerá se nos acomodarmos a ela.

De onde se tira e não se bota, não há muito que esperar. Os próprios oceanos secariam, se não houvessem os rios para realimentá-los e ajudá-los a manter o volume de suas águas. O futuro é nosso, mas devemos merecê-lo, regá-lo com nossa inteligência, nutri-lo com nosso trabalho. Não devemos ser como os parasitas, que su-

gam a seiva das árvores, matando-as. Ou acabamos com o indiferentismo em que vivemos ou ele acaba conosco.

O futuro é nosso, apesar de nossa idade, o passado, talvez, não nos tenha pertencido e o presente perdemos-lo entre sonhos, decepções e fraquezas. Crescemos o suficiente para saber escolher entre caminhos à nossa frente, porque seguir em frente, na enervante rotina dos que nada fizeram, se em outras direções faróis nos acenam com melhores dias e nos animam com o brilho da confiança. Muitas vezes as coisas não acontecem como nós desejamos e sim conforme determina o tempo. O tempo é vida, o tempo põe tudo no seu devido lugar. Reinvente-se, faça acontecer.

Pense nisso!



CLÁUDIA Rocha, Claudiene Mendes da Rocha - *Antologia Poemas, Contos e Encantos (ALETRAS)*. *Antologia Cora Coralina (LITERARTE)*. *Antologia Vozes Portuguesas 11 e 12 (LITERARTE)*. *Antologia Delegação Nacional e Internacional das Academias de Letras (LITERARTE)*. *Antologia os Melhores Autores (LITERARTE)*. *Antologia 100 Melhores Poetas Contemporâneos (LITERARTE)*. *Antologia NAISLA (LITERARTE)*.
 Contatos: Instagram: *claudiarochapoetisa* Facebook: *Claudia Rocha*
 E-mail: *claudiene.rocha@gmail.com*

O namoro é contínuo

■ Cláudia Rocha

Arde em meu peito um fogo consagrado
 Que consome meu ser a cada instante.
 És o meu norte, o farol distante,
 Que guia firme este amor tão desejado.

O teu olhar é o verso quase sagrado,
 Tua boca, o meu porto mais radiante.
 Somos unidos num laço de amante,
 O tempo para eterno e congelado.

Amar-te é viver em completa chama,
 É ver o mundo em focos de poesia,
 No toque que conforta e que derrama

A mais profunda e eterna calma.
 Meu coração por ti clama e proclama:
 És minha vida, minha eterna guia.



NORMÉLIA Pereira dos Santos Buracovas, natural da Bahia neta de pataxó. Escritora, Graduada em História e Geografia, pós-graduada e mestra em Psicopedagogia. Membro Imortal da Academia de Letras de Goiás. Participou da Antologia "Cora Coralina". Recebeu o prêmio: Melhores Autores Contemporâneos na Bienal Rio de Janeiro em 2023 e 2025 e na Bienal em 2024 São Paulo e Segunda Bienal Taboão da Serra 2025. Homenageada como Melhores Escritores na Feira Literária Internacional de Paraty. Participou da Antologia Vozes Portuguesas 12 em São Paulo. Recebeu o Prêmio Mulheres em Destaque em Salvador Bahia, em Portugal, Bucareste Romênia e Nuanes Caribenhas na Venezuela.

Me chamo saudade

▪Normaluz

Era tarde! Eu o vi deitado na calçada irregular e suja, muito suja. Um ser vivo ali a repousar.

Parecia dormir ou estará morto? Não, não está morto ele ronca. Ronca alto. Respira com dificuldade, está vivo! Porque repousa aí na calçada suja me perguntei?

Talvez esteja cansado da vida que leva. Talvez sonhasse que a mãe o embalava.

Estava tranquilo num sono, profundo. Fazia frio. Não tinha cobertor, lençol ou travesseiro.

Estava ali quem sabe bem distante do seu paradeiro. Era de boa aparência, não estava sujo.

A roupa parecia de marca. Camisa lilás calça um pouco mais clara que combinava. Sapatos surrados mais limpos.

Será que passou mal e caiu sem querer. Parece que não. Ou de desgosto talvez quisesse morrer?

Fiquei parada olhando...Olhando e ouvindo ele roncar. Meu Deus que sono pesado... Descontraído ele está. Parece cansado, bem relaxado, semblante tranquilo.

Não parece doente, não parece mendigo. Não parece que é pobre, até parece nobre.

Fiquei ali parada alguns instantes na dú-

vida do que fazer, Olhando aquele ser, admirando sua elegância e beleza. Será que o acordo, será que o desperto, ofereço ajuda talvez ou um café?

Ele foi despertando parecia saber que eu estava ali a admirá-lo. Foi se mexendo, espreguiçando, como se estivesse em uma cama confortável. Abriu os olhos azuis e com um sorriso simpático perguntou:

Precisa de alguma coisa moça bonita, que bons ventos a traz aqui, diga-me por favor?

Não respondi. Saí devagar como cheguei fugindo de seus olhos azuis. Ele se levantou com elegância e perguntou: qual seu nome moça bonita?

Eu me chamo Saudade disse ele com voz doce e suave. Levo esperança e amor pelas calçadas da vida me dê sua mão e com um toque suave como mágica docemente acordei.

Instagram: @normadanone

Facebook: normasantos

e-mail: normadanone@gmail.com



EDMILSON Sanches - CURSOS - PALESTRAS – CONSULTORIA - *Administração – Biografias - Comunicação - Desenvolvimento - História – Literatura - Motivação. Entre em contato: edmilsonsanches@uol.com.br*
www.edmilson-sanches.webnode.page

“Ordem e Progresso”

Um lema maranhense?

■ Edmilson Sanches

--- Gonçalves Dias escreveu “ordem e progresso” seis anos antes do francês Auguste Comte.

ILUSTRAÇÕES: O dístico (lema) na Bandeira brasileira. Retratos dos caxienses Teixeira Mendes e Gonçalves Dias e do francês Auguste Comte. Folha de rosto do “Testament d'Auguste Comte”, edição de 1892, e registros do “site” do jornal francês “Le Monde”. Livro de Edmilson Sanches sobre Raimundo Teixeira Mendes, autor da Bandeira do Brasil.

----- A APROPRIAÇÃO DE TEIXEIRA MENDES
 ----- A INSPIRAÇÃO EM AUGUSTE COMTE
 ----- E A “MEDITAÇÃO” DE GONÇALVES DIAS

* * *

Quem é o autor da frase que está na Bandeira Nacional do Brasil?

Dois nomes logo são lembrados na resposta: o primeiro é o de Raimundo Teixeira Mendes, escritor, filósofo, maranhense de Caxias, que, em novembro de 1889, repassou para os governantes da época o modelo da bandeira brasileira, prontamente adotado e elogiado (claro, registraram-se algumas insatisfações).

O segundo nome vinculado ao lema “Ordem e Progresso” é o do francês Auguste Comte, escritor e filósofo, que queria uma “religião da Humanidade”, criou o Positivismo -- filosófico-religioso ou religioso-filosófico -- e, em seus textos sobre a causa, cunhou a frase: “O Amor por princípio e a Ordem por base; o Progresso por fim”. Em francês:

“L'Amour pour principe, et l'Ordre pour base; le Progrès pour but.”

É patente que o caxiense Teixeira Mendes, à época morando no Rio de Janeiro (RJ), inspirou-se na frase do francês Comte quando pensou no dístico que integraria a Bandeira brasileira, que ele, Teixeira Mendes, criou -- e que substituiu a “cópia servil” da bandeira americana então adotada (por quatro dias) como bandeira da novel República sul-americana, em 1889.

Alguns creditam a frase como constante no livro “Testament d'Auguste Comte”, 570 páginas, de novembro de 1896.

Fui pesquisar. Fui ver. Realmente, está ali, na página 90 do “Testament”. A frase francesa distribui-se pela oitava e nona linhas da página e inicia o segundo parágrafo (ou o primeiro, já que as sete linhas anteriores são continuação de parágrafo da página 89).

O “Testament” tem, na verdade, nome mais longo; intitula-se: “TESTAMENT D'AUGUSTE COMTE AVEC LES DOCUMENTS QUI S'Y RAPPORTENT PIÈCES JUSTIFICATIVES PRIÈRES QUOTIDIENNES, CONFESSIONS ANNUELLES, CORRESPONDANCE AVEC Mme. DE VAUX PUBLIÉ PAR SES EXÉCUTEURS TESTAMENTAIRES, CONFORMÉMENT À SES DERNIÈRES VOLONTÉS”.

Como diz o título, foi publicado de acordo com as “últimas vontades” de Comte. Mas o ano de 1896 refere-se à segunda edição. A primeira é de 12 anos antes, 1884. A obra foi publicada por um “fundo tipográfico” da “execução testamentária de Auguste Comte” (“Fonds typographique de l'exécution testamentaire d'Auguste Comte”).

Fui adiante nas pesquisas. A citação constante

da edição de novembro de 1896 do “Testament” não caberia, pois a proclamação da república no Brasil dera-se sete anos antes, em 1889 (coincidentemente, em novembro também). Portanto, repita-se, foi neste ano, 1889, que o caxiense Teixeira Mendes apresentou o desenho do nosso pavilhão. Mas como a primeira edição do “Testament” comtiano é de 1884, cinco anos antes da proclamação da república brasileira, a fonte poderia ser essa.

Como disse, fui adiante. Fui ao “site” do prestigioso jornal francês “Le Monde”, um dos mais importantes e mais respeitados do mundo, publicado desde 19 de dezembro de 1944. Pois bem: no “site” encontro a frase de Comte e o crédito de que ela vem do livro “Système de Politique Positive”, daquele autor. O próprio “site” registra a data de publicação do livro: 1852.

Se forem considerados apenas esses registros, poder-se-ia reivindicar que o caxiense Antônio Gonçalves Dias escreveu a expressão “ordem e progresso” seis anos antes de aparecer, em 1852, a obra “Sistema de Política Positiva”, do francês Auguste Comte.

Com efeito, no dia 8 de maio de 1846, na sua obra “Meditação”, Gonçalves Dias escreveu:

“E não pejeais por amor do progresso, como vangloriosamente ostentais.

“Porque a ORDEM E PROGRESSO são inseparáveis: -- e o que realizar uma obterá a outra.” (Des-taque meu).

*

Portanto, façamos a cronologia:

-- 1846, 8 de maio: Gonçalves Dias escreve “ordem e progresso” em seu livro “Meditação” (43 anos antes da proclamação da república no Brasil). A frase é: “Porque a ORDEM E PROGRESSO são inseparáveis: -- e o que realizar uma obterá a outra.”;

-- 1852: publicação do livro “Système de Politique Positive”, de Auguste Comte, onde originalmente está a frase inspiradora do lema “Ordem e Progresso”, constante na Bandeira do Brasil. A frase comtiana, seis anos após a de Gonçalves Dias, é: “O Amor por princípio e a Ordem por base; o Progresso por fim.”;

-- 1884: primeira edição do “Testament” do francês Auguste Comte;

-- 1889, 15 de novembro: Proclamação da República no Brasil;

-- 1889, 19 de novembro (depois oficializado como o Dia da Bandeira brasileira): o caxiense Teixeira Mendes apresenta o desenho da Bandeira brasileira por ele idealizada. Sua sugestão foi imediatamente adotada e não foi demovida por insatisfações de alguns políticos e outros movimentos;

-- 1892, novembro: segunda edição do “Testament” de Auguste Comte.

* * *

Em 5 de setembro de 2025 completam-se 168 anos da morte do escritor e filósofo francês Auguste Comte, ocorrida em Paris em 5 de setembro de 1857. O nome completo do talentoso francês era Isidore Auguste Marie François Xavier Comte e ele nasceu em Montpellier, em 19 de janeiro de 1798. Assim, em 2025, são 227 anos de nascimento do criador do Positivismo.

Este é um texto aligeirado sobre “anterioridades” relacionadas ao lema “Ordem e Progresso”, que foi apropriado pelo caxiense Raimundo Teixeira Mendes de texto (e ideias) de autoria de um filósofo de que ele era seguidor, Auguste Comte.

Claro que há distinções, diferenciações na textualização de “Ordem e Progresso”: Gonçalves Dias escrevia um romance (com elevada carga de crítica sociopolítica); Auguste Comte defendia uma causa, queria instituir uma nova religião, por ele considerada a “religião da humanidade”, o Positivismo.

Assim, a palavra “ordem” e a palavra “progresso”, isoladamente ou em conjunto, permeiam os livros, os textos do autor francês, inclusive mesmo antes de sua obra de 1852, considerada a obra-fonte da frase que inspirou o caxiense, maranhense e brasileiro Teixeira Mendes na elaboração da Bandeira de seu país.

Gonçalves Dias dominava o francês, conhecia Paris. Poderia ter tido acesso à obra comtiana? Sim, poderia. Por sua vez, Teixeira Mendes --- que conhecia Comte, que conhecia a França e sabia francês --- TAMBÉM conhecia seu conterrâneo, o igualmente caxiense, o talqualmente maranhense e patrioticamente brasileiro Gonçalves Dias.

Não tenho dúvidas de que Teixeira Mendes verdadeiramente bebeu na frase de Auguste Comte.

Também não tenho dúvidas de que, consideradas as datas das obras do francês Comte (“Sistema de Política Positiva”) e do caxiense Gonçalves Dias (“Meditação”), este, no mínimo, tem uma certa anterioridade na construção frasal, acrescida de complemento explicativo.

Evidentemente, ninguém tem domínio de tudo o que se escreve e já se escreveu em nosso planeta, nos diversos idiomas, existentes e já extintos. Uma contagem do Google Books, que se iniciou com cerca de 600 MILHÕES de títulos, após processos de refinamento, fechou com 130 MILHÕES de livros (quantidade de títulos únicos, não total de exemplares) já escritos e publicados.

Outros registros estatísticos nos informam que surge 1 livro novo a cada 30 segundos. Que em UM ANO são UM MILHÃO (1.000.000) de livros, os quais precisariam de 20 quilômetros de estantes para acomodá-los. Tristemente se registra que, para cada livro que um ser humano lesse em 1 dia, ele teria de não ler outros QUATRO MIL livros.

Desse modo, é quase impossível não haver construções frasais iguais ou assemelhadas nos livros e literaturas deste mundo. Como já escrevi, nós humanos temos de ser ilimitados em nossos limites: temos, em caracteres latinos, apenas 26 letras para escrevermos todos os poemas de amor -- e também todas as declarações de guerra;...

...temos apenas 10 algarismos para com eles calcularmos todas as distâncias astronômicas e medirmos as variadas dimensões microscópicas;...

...temos apenas 7 notas musicais, para com elas elaborarmos a sinfonia mais enlevadora e a música brega mais rasgada...

Enfim, somos incontidos em nossas contenções. Somos superposições.

Somos humanos -- buscando uma ORDEM no caos ético e o PROGRESSO ante desigualdades sociais.

Somos humanos.



SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL

A necessidade da harmonia e convivência equilibrada entre as partes - homem/natureza

■Kledna Christiane ■Joana D'arc ■Ricardo Delfino ■Elismar Alves

Teorias a parte, a espécie humana chegou até a fase evolutiva atual, o homo sapiens, perpetuando e dominando o planeta, sendo considerado por ele próprio o senhor soberano. Entretanto, a relação ambiental existente entre o homem e o planeta, é retórico realçar, mas sempre foi algo em que a natureza era colocada em segundo plano, seja como ator coadjuvante, ou como algo cuja obrigação ou finalidade era servi o topo da sapiência e magnitude: o homem. Passaram gerações desde que o mundo é mundo, o homem sempre de maneira irresponsável, mesmo (in)consciente, das consequências de suas práticas danosas ao meio ambiente. Sendo assim, dizimou floresta,

poluiu mares e oceanos, assoreou riachos, rios e lagos, interferiu na conduta natural do sistema ambiental, causando problemas sérios e irreversíveis ao planeta.

Tais atitudes exercitadas pelo homem, sejam elas de cunho industrial, comercial, residencial ou pela própria sobrevivência, causaram danos irreparáveis ao planeta. Essas interferências causaram extermínios de animais, o aumento do nível de temperatura nos oceanos, crescimento e surgimento de desertos, aumento de furacões, tufões e ciclones entre outros fatores, comprometendo todo ciclo natural no planeta. O que era tido como eterno, os recursos naturais, fez com que o homem se questionasse e refletis-

se sobre esse contexto ambiental, afluindo uma visão sistêmica da natureza. Introduzindo, assim, o termo sustentabilidade. É salutar ressaltar que a sustentabilidade está em “vogue” hoje em dia e é aplicado em diferentes discursos, hoje se fala em sustentabilidade social, sustentabilidade financeira, sustentabilidade comercial, sustentabilidade ecológica até em sustentabilidade ideológica. Porém, o que todos esses termos têm em comum é o emprego do equilíbrio entre as partes. Aqui por sua vez, a ambiental, o equilíbrio Natureza/Homem.

Entretanto, a consciência do equilíbrio e da permanência sobre sustentabilidade por parte do homem, somente aconteceu no século XX. Foi nesse período que houve várias catástrofes ambientais, dentre elas a de Bumbai na Índia, a crise do petróleo na década de setenta e a explosão de uma usina nuclear em Chernobyl na antiga União Soviética nos anos oitenta. Após essas calamidades, esse termo, sustentabilidade ambiental tomou proporções maiores de consciente em todo o planeta. Deixou de ser local e tornou uma dimensão planetária. A ideia que se tinha de uma natureza inesgotável caiu por terra, consequentemente favorecendo o surgimento da visão da natureza de forma sistêmica, em que todo o sistema natural está interligado, inclusive o homem, em que qualquer ação dele poderia interferir no processo da cadeia como um todo.

Sendo assim, a busca por um modelo ideal de sustentabilidade ambiental que não agrida o meio ambiente e ao mesmo tempo não comprometa o desenvolvimento econômico. É uma finalidade aclamada pela sociedade. Portanto, se faz necessário o equilíbrio dessa equação: Produção e Sustentabilidade, já que devido a intensa exploração e degradação ambiental, principalmente das organizações do lucro pelo lucro, levaram a sociedade a rever suas práticas e refletir sobre esse modelo de produção em relação à natureza, Favorecendo consequências negativas para a atual e consequentemente para as gerações vindouras.

Referências:

CARSON, Rachel. **A Primavera Silenciosa**. Lisboa: Editorial Pórtico, 1962

LAYRARGUES, P. **A empresa "verde" no Brasil: mudança ou apropriação ideológica?** *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro, 27 (158): 56-59, 2024.

NASCIMENTO, C. A. M. **Em busca da ecoeficiência**. In: READ - Revista Eletrônica de Administração. Ed.15 v. 6 n. 3, mai-jun 2024.

SACHS, Ignacy. **Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir**. São Paulo: Vértice, 2025.



PROFª Kledna Christiane Morais Batista



PROFª Joana D'arc Chagas da Silva



PROF. Ricardo Delfino Guimaraes



PROF. Elismar Alves da S. dos Santos



ANABELA Cardoso Freitas, possui Doutorado pela UTIC - Universidade Tecnológica Intercontinental (2023), reconhecido pela Universidade Católica de Petrópolis (UCP-RJ) e mestrado em Ciências da Educação (2017). É Psicopedagoga Institucional e Clínica pela FLATED, Neuropsicopedagoga (FACPRISMA), licenciada em Pedagogia e bacharela em Comunicação Social pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Atualmente, atua como professora de Sociologia no Ensino Médio, exercendo o cargo de Professora Magistério III na Secretaria de Estado de Educação do Maranhão. Além disso, é Pedagoga, Classe A, Nível II na Secretaria Municipal de Educação de Teresina (SEMEC/Teresina-PI). Possui experiência na área de Educação, com ênfase em ensino-aprendizagem, currículo, avaliação, gestão, planejamento e formação continuada.

ETARISMO

Escrachado e vilipendiador

▪Anabela

Concluí e defendi meu Doutorado em Ciências da Educação há pouco tempo. Desde ouvir loas e parabéns de muitos ouvi frases tipo- "terminou muito tarde", "tem gente com 30 anos com Doutorado", "você está perto do fim da carreira". Essas frases ressoam como se muitos tivessem o dom da previsibilidade da morte e soubesse que "estou com o pé na cova".

Para os mais simples é pura inveja. Mas para mim é a chaga do etarismo onde uma pessoa de mais de 50 anos não pode sonhar, não pode amar, não pode nem se graduar, imaginem terminar um doutorado.

Oh! Decepção. Há uma falta generalizada de cultura geral, de bagagem, de informação sobre como se movimenta as classes sociais

brasileiras e de dados sobre taxas de natalidade e de índice de crescimento vegetativo da população.

A sociedade efêmera, do culto à juventude e do descarte, quer escancaradamente descartar pessoas mais velhas. Querem colocar em pessoas de mais de 40, 50, 60 anos uma marca de invisibilidade. Ocorre que a faixa que mais cresce na sociedade é de pessoas da Terceira Idade. Que ainda correm na Savana da vida, que ainda tem força e determinação porque pertencem a um grupo (denominadas Geração X e Y) cujas qualidades de força e resiliência já não são mais encontradas em gerações mais novas curiosas, imersas na interconectividade, mídias digitais e recursos tecnológicos.

As tecnologias ampliaram os modos de conhecer e de aprender. Porém, está mais que evidente que os maduros "correm mais" como leões.

As gerações mais novas têm outros interesses e alguns preferem conteúdos inúteis e superficialidades. Mas, cada vez mais somos chamados a aprender a conviver, aprender a ser. E os "velhos" têm seu nicho. O etarismo, a discriminação, o preconceito e a segregação

não são problemas somente das minorias de pretos, pobres e favelados.

Pessoas da Terceira Idade, fatia enorme da população brasileira e mundial, têm sentido cotidianamente situações como a descrevi no início desse texto.

As palavras discriminantes levá-nos a refletirmos frente a uma realidade. E em homenagem ao meu pragmatismo fiz duas poesias inéditas sobre idade.

PERDENDO

As nuances
As perplexidade
Frente aos desafios da vida
Fluem,
Escorre pelos fios da vida
Perde-se,
Esgotada essência
Existência fluida, a pele fria
Amargo na boca.
E então chega a fragilidade,
Capilares a flor da pele
E o medo visceral se instala
Como correntes de medo.
Perdendo força,
A mente vagueia
No véu de ilusões
A emoção feito teia
Nos aprisiona e embrutece.
E esvai a seiva da vida,
O frenesi dos amantes traz sorrisos
Sonho distante de humor sático
Sorrímos dos calores passados,
Meros passatempos e aprendizado
Como é simples a juventude.
Como é dantesco a dança do tempo no invólucro humano.

GANHANDO

A teia da vida
Tem um colorido
Diferente
O olhar diferenciado
Vê coisas
Além da perspectiva
As lutas diárias
Têm um peso
Não atinge os pequenos
Gestos de carinho
Então, o dia-a-dia passa
Célere
Tempo de oportunidades
O valor das coisas
E dos pequenos gestos
De carinho
Parece-nos importantes
O afã combina
Com os suores noturnos
A escuridão da noite
Clareia pensamentos
E ações
E pensamos e vivemos
O belo, o confortável
O seguro
Os sonhos de amor
Redemoinhos de vento
E de saudade
Pauta dos sorrisos gozadores
De outrora
E nós,
Feitos carvalhos ao vento
Saboreando os aromas
As cores de cada manhã.



WYBSON Carvalho, poeta com vários livros publicados, dentre os quais: *Neófitos da Terra, Eu Algum, Iguaria Real, Eu Algum na Iguaria Real, Inferno Existencial, Ambiência da Alma, Personagem, Poesia Reunida (Coletânea – poemas – 4 edições), Necrópolis, Oceanos não Pacíficos e Nauroemcidade*. O poeta está inserido, nacionalmente, em várias antologias literárias, dentre as quais: a obra *Antológica Brasil 500 Anos de Poesia*. É membro fundador da Academia Caxiense de Letras, na qual tem assento à Cadeira, número 30, patroneada pelo poeta caxiense João Vicente Leitão.

Laura Rosa a "Violenta do Campo"

■Wybson Carvalho

Laura Rosa, nascida em São Luís do Maranhão, no dia 1º de outubro de 1884. Por amor à língua portuguesa e às letras, formou-se em Normalista do Magistério, e, como professora, veio para o sertão, ainda, na segunda década do século passado com a finalidade de lecionar na antiga Escola Normal de Caxias.

Em sua terra natal, durante sua escolaridade, escreveu inúmeros poemas e participava, ativamente, da vida literária estudantil ludovicense, vindo a ser cognominada de "Violeta do Campo"; pseudônimo com o qual assinava seus poemas.

Na princesa do Sertão Maranhense, a poetisa, Laura Rosa, foi hóspede durante muitas décadas da valorosa professora caxiense, Filomena Machado Teixeira, e, com a qual, foi das primeiras incentivadoras da criação da Academia Caxiense de Letras, e, na qual, é patrona da Cadeira que pertenceu a Adailton Medeiros e que deverá ser ocupada, brevemente, pela professora e escritora Joseane Maia, membro da Casa de Coelho Neto.

Antes de sua partida para uma dimensão de além-vida, a poetisa realizava em procedimento espontâneo, quase que diariamente ao receber visitas, verdadeiros saraus poéticos na companhia de escritores e poetas caxienses, dentre os quais: Cid Teixeira de Abreu, Déo Silva, João Vicente Leitão, Abreu Sobrinho, Vitor Gonçalves Neto, Jota Cardoso e, ainda, os estudantes ginasiais àquela época: Edmilson Sanches e Wybson Carvalho, bem como outros jovens poetas da cidade, quando em adolescência, se intrometiam entre ela e eles para aprender a ouvir e passar a gostar de poesias. Laura Rosa se encantou, em Caxias, na data de 14 de novembro de 1976, aos 82 anos de vida dedicados ao magistério e às letras. Laura Rosa, foi a primeira mulher maranhense a ter acento a uma Cadeira na Academia Maranhense de Letras.

Eis, alguns trechos do discurso de posse da poetisa Laura Rosa, proferido no dia 17.04.1943, no Salão Nobre da Casa de Antônio Lobo (AML).

No discurso, destaco um ponto que parece comum a posse de membros homens e/ou mulheres, à referência a algum amigo mais próximo, o qual parece ser responsável pela indicação do membro para ocupar a vacância da Academia.

"Manda a justiça que vos diga, em primeiro lugar,

que me trouxeram para esta casa de sábios ilustres as mãos amigas de Corrêa de Araújo e Nascimento de Moraes com a benevolência de seus pares. Trouxeram-me, porque, de mim mesma, nunca imaginei suficientes os meus versos, para merecimento de tão honrosas credenciais".

A humildade com que a escritora se apresenta frente aos seus atuais confrades prolonga-se por algumas frases reforçando a valorização dos membros mais antigos e, ao mesmo tempo, sutilmente reconhecendo o valor de suas poesias.

"Eis-me, portanto, aqui, Senhores, a primeira mulher que aqui entra, porque assim o quiseram os homens ilustrados desta agremiação, guardiães fiéis de nossas tradições literárias".



ESQUELETO DA FOLHA

**Vede, senhor, apodreceu na lama
Eu a vi há muito tempo entre a folhagem
Antes do vento lhe agitar a rama
E do regato, sacudi-la à margem.**

**De vigente e de vede tinha fama
Da folha mais famosa da ramagem
Desceu nas águas e resta da viagem
O labirinto capilar da tinta.**

**Ninguém pode fazer igual verdade
Nem filigrama mais perfeito e lindo
Nem presente melhor pode ser dado.**

**Guardai Senhor, guardai este esqueleto
Todo cuidado! É uma folha ainda
Onde escrevo de leve este soneto.**



